

GUETO

ISSN 2319-0752

REVISTA ACADÊMICA | 3ª EDIÇÃO

CAPOEIRA E AFRICANIDADES

ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA:
Contexto de desenvolvimento territorial

DEPENDÊNCIA QUÍMICA:
Problema biológico, psicológico ou social?

“Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de invejar sua coragem, de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina.”

Autor: Paulo Freire

SUMÁRIO

1 - CAPOEIRA E AFRICANIDADES

Jean Adriano Barros da Silva 3

2 - ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA: CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO TERRITÓRIAL

Iranildes de Jesus Santos

Jucelma Brito

Maria Graciele Carneiro da Silva

Viviane Borges 14

3 - RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO ROQUE A PARTIR DA MEMÓRIA DE SEUS MORADORES

Jardelina Garcia

Josiane Oliveira

Mailana Pereira

Monique Brandão

Vanusa Costa 22

4 - UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE AS DIFICULDADES E PERSPECTIVAS DOS JOVENS AO TENTAR SE INSERIR NO MERCADO DE TRABALHO

Vanusa Santos Costa 42

5 - DEPENDÊNCIA QUÍMICA: PROBLEMA BIOLÓGICO, PSICOLÓGICO OU SOCIAL?

Edivania de Jesus Luz Barbosa 53

6 - A IMPORTÂNCIA DO PIBID, NA SUPERAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS E REJEIÇÃO A CULTURA AFRODESCENDENTE

Alisson da Silva Souza

Diana Sousa Lisboa 63

CAPOEIRA E AFRICANIDADES

Jean Adriano Barros da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho se articula com a temática que envolve o diálogo sobre práticas culturais e educacionais, focando, em particular, os limites e possibilidades da capoeira na formação escolar, considerando o estudo da história e cultura afro-brasileira. Este tema tem como objetivo geral à proposição de analisar as perspectivas da ação pedagógica no campo da cultura corporal em Educação. Neste sentido, buscaremos dialogar com alguns autores, apresentando alternativas a partir da cultura da capoeira, enfocando seus movimentos, sua musicalidade e o “ritual” da roda, como fontes para o desenvolvimento humano e consequentemente das estratégias e métodos que permeiam as instituições formais no que tange a presença cultural do negro no Brasil e suas contribuições.

Palavras-chave: Currículo, Educação, Práticas Culturais.

ABSTRACT

This work is linked to the theme that involves dialogue about cultural and education practices, focusing in particular on the limits and possibilities of schooling in capoeira, considering the study of history and african-Brazilian culture. This theme has as a general proposition to analyze the perspectives of pedagogical action in the field of physical culture in Education goal. In this sense, seek dialogue with some authors, presenting alternatives from the culture of capoeira, focusing his moves, his musicality and the "ritual" of the wheel, as sources for human development and therefore the strategies and methods that underlie formal institutions in respect to the black cultural presence in Brazil and their contributions.

Keywords: Curriculum, Education, Cultural Practices.

¹ Professor Assistente do curso de Educação Física do Centro de Formação de Professores - UFRB / Mestre de Capoeira / Mestre em Educação – FACED-UFBA, Doutorando – Instituto de Educação – UMINHO, Coordenador do Projeto de Extensão Balaio de Gato – CFP/UFRB, Coordenador do Grupo de Pesquisa GUETO – CFP/UFRB.

INTRODUÇÃO

A trajetória da educação brasileira tem sido marcada por fortes influências relacionadas ao racismo e preconceito contra o negro e, conseqüentemente, contra toda sua contribuição e potencial educativo, em espaços formais, para nossos jovens e crianças. Neste sentido, nos propomos a dialogar sobre a contribuição da cultura corporal, em particular, da capoeira, samba e maculele, no processo de educação formal, considerando o impacto na formação de questões ligadas a musicalidade, movimento corporal e a dinâmica das relações interpessoais.

Nossa intenção é problematizar a realidade da prática de ensino a partir da proposição da capoeira e suas possibilidades na implementação curricular da legislação sobre história e cultura afro-brasileira e africana. Assim, a partir do trabalho pedagógico, nos perguntamos qual a influência da capoeira, limites e possibilidades, como recurso educativo no processo pedagógico criativo para emancipar a cidadania de trato com a diversidade étnica, a partir de uma ação de enriquecimento curricular?

É nossa convicção a existência de possibilidades, mediante o entendimento de que a capoeira traz em seu arcabouço ritualístico, símbolos edificadores para a construção de uma pedagogia para diversidade étnica, ratificados na relação potencial do homem com o homem e com a natureza, mediada pelo “jogo”, ressaltando a necessidade da construção coletiva, a partir das diferenças, na busca de uma maior participação cidadã e de uma maior justiça nas relações humanas. Neste sentido, passaremos a apresentar algumas considerações sobre o tema, mediadas pelo diálogo com autores da área.

O CAMINHO DA EFETIVAÇÃO E RECONHECIMENTO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Temos ciência de que a legislação voltada às questões étnico raciais em nosso país não é recente, contudo, percebemos que sua legitimação foi prejudicada por uma série de percalços, que vão do histórico preconceito que impera na sociedade brasileira a impedimentos de natureza jurídica e afins. A própria Constituição Federal de 1988, em seu artigo terceiro, inciso IV, garante, de forma inequívoca, a promoção de todos os cidadãos brasileiros, sem preconceitos de origem, raça, sexo e quaisquer outras formas de discriminação, determinação legal complementada tanto pelo Decreto Nº 1.904, de 1996,

que assegura a presença histórica das reivindicações do movimento negro na constituição do país; quanto pela Lei Nº 7.716, de 1999, que regulamenta crimes de preconceito de raça e cor e estabelece penalidades aos mesmos.

Sabemos que na história tivemos muitas tentativas de se pensar o processo educativo considerando a participação do negro, como exemplo podemos citar as escolas noturnas criadas em 1878 através do Decreto de Leôncio de Carvalho, que eram destinadas aos negros livres e libertos.

As escolas noturnas representaram, no período em questão, uma estratégia de desenvolvimento da instrução pública, tendo em seu bojo poderosos mecanismos de exclusão, baseados em critérios de classe (excluíam-se abertamente os cativos) e de raça (excluíam-se também os negros em geral, mesmo que fossem livres e libertos). Ainda que amparadas por uma reforma de ensino, que lhes dava a possibilidade de oferecer instrução ao povo, essas escolas tinham de enfrentar o paradoxo de serem legalmente abertas a todos em um contexto escravocrata, por definição, excludente (GONÇALVES; GONÇALVES SILVA; p. 136, 2000).

Mesmo considerando já esta iniciativa referida acima, existem registros indicativos de que escravos frequentaram as escolas noturnas apenas em algumas cidades, e que em outras se vetava a presença dos mesmos, excluindo-os da educação, fato que ratifica a dificuldade encontrada pela população afrodescendente para garantir o mínimo acesso a educação formal ao longo da história.

Em particular, sobre a educação das relações étnico-raciais, uma legislação específica foi aprovada, e os direitos da população negra, embora não apenas dela, passaram a ser garantidos pela Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), por meio de seu Artigo 26, que estabelece particularmente no ensino de História do Brasil o respeito aos valores culturais na educação e repúdio ao racismo, na medida em que determina o estudo das contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro. Semelhante determinação acabaria resultando naquela lei que, mais do que qualquer outra, incide diretamente sobre a importância da contribuição aventada, bem como determina de modo categórico a inclusão, na formação educacional brasileira, do estudo das matrizes culturais próprias da população negra: trata-se da Lei Nº 10.639, de

2003, por meio da qual a Presidência da República altera a LDB, incluindo no currículo do Ensino Fundamental e Médio o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Assim, mesmo com mais de dez anos de criação da Lei e ainda com um aditivo a mesma, que adiciona a obrigatoriedade de discussão curricular também da história e cultura indígena, percebemos que a grande maioria das escolas ainda não conseguiu efetivamente cumprir com a legislação. Desta forma, ações como a nossa poderão contribuir com a efetivação da legislação vigente e ainda qualificar o debate acerca do estudo sobre o negro e sua cultura no Brasil.

INTERFACES COM O CURRÍCULO OFICIAL

Segundo as Diretrizes Curriculares para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana para conduzir suas ações, os sistemas de ensino, os estabelecimentos e os professores terão como referência, entre outros, aspectos pertinentes às bases filosóficas e pedagógicas que assumem os princípios a seguir explicitados.

O primeiro princípio, consciência política e histórica da diversidade deve conduzir à igualdade básica de pessoa humana como sujeito de direitos; à compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que, em conjunto, constroem, na nação brasileira, sua história; ao conhecimento e à valorização da história dos povos africanos e da cultura afro-brasileira na construção histórica e cultural brasileira; à superação da indiferença, injustiça e desqualificação com que os negros, os povos indígenas e, também, as classes populares às quais os negros, no geral, pertencem, são comumente tratados; à desconstrução, por meio de questionamentos e análises críticas, objetivando eliminar conceitos, ideias, comportamentos veiculados pela ideologia do branqueamento, pelo mito da democracia racial, que tanto mal fazem a negros e brancos; à busca de pessoas em particular, de professores não familiarizados com a análise das relações étnico-raciais e sociais com o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana, das informações e dos subsídios que lhes permitam formular concepções não baseadas em preconceitos e construir ações respeitadas; ao diálogo, via fundamental para o entendimento entre diferentes, com a finalidade de negociações, tendo em vista objetivos comuns, visando a uma sociedade justa. (BRASIL, 2004).

O segundo princípio, fortalecimento de identidades e de direitos, deve orientar para o desencadeamento do processo de afirmação de identidades, da historicidade negada ou distorcida; o rompimento com imagens negativas forjadas por diferentes meios de comunicação, contra os negros e os povos indígenas; os esclarecimentos a respeito de equívocos quanto a uma identidade humana universal; o combate à privação e violação de direitos; a ampliação do acesso a informações sobre a diversidade da nação brasileira e sobre a recriação das identidades, provocada por relações étnico-raciais; as excelentes condições de formação e de instrução, que precisam ser oferecidas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, em todos os estabelecimentos, inclusive os localizados nas chamadas periferias urbanas e nas zonas rurais. (BRASIL, 2004).

O terceiro princípio, ações educativas de combate ao racismo e a discriminações, encaminha para a conexão dos objetivos, estratégias de ensino e atividades com a experiência de vida dos alunos e professores, valorizando aprendizagens vinculadas às suas relações com pessoas negras, brancas, mestiças, assim como as vinculadas às relações entre negros, indígenas e brancos no conjunto da sociedade; a crítica pelos coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais, professores, das representações dos negros e de outras minorias nos textos, materiais didáticos, bem como providências para corrigi-las; condições para professores e alunos pensarem, decidirem, agirem, assumindo responsabilidade por relações étnico-raciais positivas, enfrentando e superando discordâncias, conflitos, contestações, valorizando os contrastes das diferenças; valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, como por exemplo, a dança, marcas da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura; educação patrimonial, aprendizado a partir do patrimônio cultural afro-brasileiro, visando preservá-lo e difundi-lo; o cuidado para que se dê um sentido construtivo à participação dos diferentes grupos sociais, étnico-raciais na construção da nação brasileira, aos elos culturais e históricos entre diferentes grupos étnico-raciais, às alianças sociais; participação de grupos do Movimento Negro e de grupos culturais negros, bem como da comunidade em que se insere a escola, sob a coordenação dos professores, na elaboração de projetos político-pedagógicos, que contemplem a diversidade étnico-racial. (BRASIL, 2004).

Acreditamos que a mediação, no campo pedagógico, nas escolas poderá ampliar as perspectivas destes princípios, consolidando uma educação mais plural e com perspectivas alternativas redimensionadoras de nossa sociedade. Neste sentido, seguiremos dialogando com alguns autores sobre a relevância da práxis pedagógica em uma sociedade de classes.

O PAPEL PEDAGÓGICO FORMAL NA RECONFIGURAÇÃO CONJUNTURAL

Diversos autores, entre os quais, Arroyo (1998), Freitas (2000), Enguita (1989) estudam a questão da organização do trabalho pedagógico, questionando a reprodução através das ações de ensino-aprendizagem, dos traços do trabalho em geral na sociedade, que se caracteriza como alienante e alienador. Tal processo de sociabilização se dá em espaços públicos educacionais, enriquecido através de uma participação ativa na cidadania, bem como nas escolas no processo de educação inclusiva, formado para o mundo excludente e competitivo. Nesse contexto queremos analisar as possibilidades de ruptura, a partir da prática da capoeira, pois acreditamos que, no seu ritual, podemos encontrar os elementos para edificação de uma sociedade mais justa, humana e capaz de gerar diálogo com todos, independentemente da idade, etnia, gênero, condição física, intelectual e social.

Frigotto (2001), ao questionar as teorias educacionais, a partir das relações trabalho-educação, deixa claro que se esgotaram as possibilidades civilizatórias do capital enquanto referência de organização da produção da vida. Aponta também para a necessidade de superar os dilemas teóricos através de estudos que coloquem os elementos das atuais práticas pedagógicas e dos processos de sociabilização na perspectiva de analisar as contradições e identificar as possibilidades superadoras.

Milton Santos (1997), em seus estudos sobre territorialidade, nos aponta a relevância das questões sobre a organização das ações pedagógicas na cultura da humanidade. Ao analisar a ontologia da organização, do espaço, ao descrever a terra, seus habitantes, as relações destes entre si e das obras resultantes, o autor analisa a ação humana sobre o planeta, possibilitando um conhecimento para além da natureza, principalmente, do espaço.

Entre as categorias apontadas por Milton Santos (1997), para conhecermos a natureza dos espaços, destaca-se a técnica – principal forma de relação entre homem e a natureza. Assim, vamos nos ater em técnicas/modelos/estilos de ensino que configuram a organização do trabalho pedagógico, pois constituem ações humanas para a produção e reprodução da vida. Vamos nos ater em técnicas que orientam as ações na prática da capoeira no espaço pedagógico formal, considerando o estudo da história e cultura afro-brasileira.

A mediação entre o pedagógico e o político se dá pela técnica, a técnica/realização do ensino que constitui a organização do trabalho pedagógico. É esta técnica que estaremos

questionando, uma técnica que, muitas vezes, aprisiona, limita e exclui. Desta forma, procuraremos explorar o que constitui ir além esta técnica e desenvolver uma comunicação responsável, partilhada, com significado e autenticidade (Viana, 2010).

Para avançar em tal reflexão acreditamos que, considerando a inclusão de todos, é preciso partir da constatação de dados da realidade. O que constatamos é que, cada vez mais, se restringem às possibilidades de participação na diferença, pois as relações estão sempre impregnadas por uma carga grande de preconceitos. Nesse sentido se faz necessário investigar as formas de trato pedagógico com a capoeira na Educação para diversidade, na busca da superação das contradições do capital para edificação de uma pedagogia social ativa e inclusiva.

Sobre a ideia de pedagogia social, queremos dialogar com o pensamento de Pistrak (2003, p.08), que nos traz uma lógica que aponta para a construção de uma escola educadora do “povo”, que transforme a vida escolar numa extensão dinâmica da problematização das questões sociais, vinculando não somente seus conteúdos, mas principalmente o método de ensino a serviço de uma transformação social que minimize as injustiças sociais e atenda os interesses dos “excluídos” e menos favorecidos, a partir do estímulo da auto-organização dos estudantes, organização do ensino em complexos temáticos e das relações entre escola e cotidiano. O autor sublinha:

(...) para transformar a escola, e para colocá-la a serviço da transformação social, não basta transformar os conteúdos nela ensinados. É preciso mudar o jeito da escola, suas praticas e sua estrutura de organização e funcionamento, tornando-a coerente com os novos objetivos de formação de cidadãos, capazes de participar ativamente do processo de construção da na sociedade.

Em nossa opinião, é importante não perder de vista que nos centros de Educação, a partir das ações pedagógicas, estabelecemos uma constante relação com as contradições do modo de produção e que projetos históricos são disputados e tendências de desenvolvimento social são firmadas. Assim, a alternativa do estudo das contradições, também possibilitará desestabilizar, estruturar, convencer, consolidar concepções práticas e ideológicas superadoras das contradições no mundo atual. Aquelas ações ganham forma e

valor no desenvolvimento integrado e relacional do contexto, enquanto espaço cultural, plural e criativo (Viana, 2011).

A CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO

Arte desenvolvida por negros em território brasileiro, a capoeira, em pouco mais de quatrocentos anos, rompeu paradigmas e se espalhou pelo mundo, ratificando sua força agregadora em torno de princípios filosóficos que propõem uma releitura social da realidade, focando questões que podem conter a chave da emancipação humana. Assim, dentre os diversos aspectos educativos desta arte, nos ateremos a seguir tratando da musicalidade, movimentos e ritual em sua dimensão interpessoal.

No campo da musicalidade, a capoeira tem potencialmente grande poder educativo, pois a tradição oral de sua história fez com que as cantigas, toques e ritmos, fossem repletos de estratégias para perpetuar a cultura de matriz afrodescendente, considerando a pouca predominância da sistematização escrita de seus processos. Assim, com a música, os capoeiras resignificam o cotidiano e perpetuam seus ancestrais, mantendo vivas suas tradições.

Sobre a musicalidade tradicional africana que influenciou a capoeira, Sodré (1998, p.21) afirma que:

No ocidente, com o reforçamento (capitalista) da consciência individualizada, a música, enquanto pratica produtora de sentido, tem afirmado a sua autonomia com relação a outros sistemas semióticos da vida social. Convertendo-se na arte da individualidade solitária. Na cultura tradicional africana, ao contrário, a música não é considerada uma função autônoma, mas uma forma ao lado de outras – danças, mitos, lendas, objetos – encarregadas de acionar o processo de interação entre os homens e entre o mundo visível (o aiê, em nagô) e o invisível (o orum). O sentido de uma peça musical tem de ser buscado no sistema religioso ou no sistema de trocas simbólicas do grupo social em questão. Ademais, os meios de comunicação musical não se restringem a elementos sonoros, abrangendo também o vínculo entre a música e as outras artes, sobretudo a dança.

Percebemos assim, de acordo a citação acima, que a música na capoeira tem importante papel socializador no fazer humano, estabelecendo conexões religiosas, de trabalho e vivências de lazer, catalisando o movimento do corpo e ajudando a construir uma cultura corporal humana, repleta de signos e significados que instrumentalizam o viver em determinada sociedade, portanto, a experiência com a capoeira, poderá ser uma metáfora constante dos desafios da vida em comunidade, considerando a experiência da “roda” como escola de formação para a vida.

O movimento corporal embalado pela música produz, para além de todos os ganhos fisiológicos da atividade física, uma percepção da natureza das relações humanas pela necessidade constante de se lidar com o corpo do outro em intenso processo de negociação sob o signo flutuante do “jogo”, em que precisamos aprender que o melhor será capaz de vencer “com” o outro e não “contra” o outro. Neste sentido, a movimentação dessa arte está impregnada de tolerância, parceria, respeito às diferenças e produção coletiva para o coletivo, contrapondo a ideia capitalista de produção coletiva e apropriação privada.

Em relação ao ritual, a capoeira, tem na figura do mestre/professor/facilitador seu eixo central de difusão da ancestralidade, depositando neste o papel fundante da sabedoria pela experiência vivida, fruto das cicatrizes deixadas pelos caminhos, dúvidas e incertezas de uma vida de militância cultural pela arte. Esse mestre, para além de um gestor técnico/burocrático institucional, conserva a “magia” de uma estética do aprender/fazendo, primando pelo encantamento sensível de uma pedagogia humanizadora, centrada na democratização de uma ação pedagógica emancipatória e para diversidade.

No processo do jogo da capoeira, poderemos desconfigurar a lógica de mensuração quantitativa que está presente em tudo que fazemos hoje em dia, ao ponto de desqualificarmos a experiência vivida em função do produto final não alcançado, desconstruindo a ideia de que caminho se faz caminhando e que as ranhuras e erros do processo são tão valiosos quanto o almejado produto final. Assim, para além do foco em instruir, precisamos entender que educar representa entender os processos hegemônicos que servem de balizadores desta formação humana cronometrada, cronológica, calculável e cabível em algum código de barras para exportação.

À vontade de liberdade, que vive em nós educadores, tem clamado por uma subversão desta organicidade cartesiana e mensurável quantitativamente pela máxima da eficiência técnica, da competência de mercado e resultados institucionais em nossas

escolas, tudo isso em detrimento de uma desburocratização sensível para outra possibilidade de gestão do tempo, de resultados e harmonização pedagógica.

CONCLUSÃO

A partir das reflexões propostas no texto, podemos inferir que a capoeira tem grandes possibilidades que potencializam ações para a construção de uma pedagogia para diversidade e, conseqüentemente, de um modelo escolar revolucionário que poderá responder as necessidades de implementação da legislação sobre educação e cultura afro-brasileira, com nexos na totalidade que responderá aos problemas da classe operária buscando as raízes das injustiças sociais, garantindo pensar e fazer uma escola que seja educadora do povo, superando a visão de que sala de aula é apenas um lugar de ensino, ou de estudo dos conteúdos, por mais revolucionários que eles sejam.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. (2006). Ministério da Educação e Cultura/ Secretaria da educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: MEC/SECAD.
- BRASIL. (2004). Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília:DF, Outubro.
- BRASIL. (2003). Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Brasília.
- DIONNE, Jean; LAVILLE, Christian. (1999). **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre, RS: ARTMED.
- ENGUITA, Mariano Fernandez. (1989). **A Face Oculta da Escola**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- FERRETI, Celso J. João dos Reis Silva Júnior, Maria Rita N. Sales Oliveira. (1999). **Trabalho, formação e currículo: Para onde vai a Escola?** – São Paulo: Xamã.
- FREITAS, Luiz Carlos de. (2000). Projeto Histórico, Ciência pedagógica e “Didática”. In **Educação e Sociedade** nº 27 – Cortez.

- FRIGOTTO, Gaudêncio. (org). (1998). **Educação e Crise do Trabalho**: perspectivas de Final de Século – Petrópolis, RJ: Vozes.
- GONÇALVES, L. A.; SILVA, P. B. G. e. (2000). Movimento Negro e Educação. In: **Revista Brasileira de Educação**, n.15, São Paulo, p. 134-158, nov-dez.
- MUNANGA, Kabengele. (2003). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **3º Seminário de Relações Raciais no Brasil – Cadernos PENESB**. Niterói: EdUFF.
- PISTRAK. (2000). **Fundamentos da Escola do Trabalho**. Expressão Popular, São Paulo – SP.
- SANTOS, Milton. (2000). **Território e Sociedade**. São Paulo, - Editora Fundação Perseu Abramo. 2ª Ed.
- _____. (1997). **A natureza do Espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. Editora HUCITEC – São Paulo.
- SOBREIRA, Henrique Garcia. (2008). **A Formação de Professores no Brasil**: de 1996 a 2006. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- SODRE, Muniz. (2005). **A Verdade Seduzida – Por um Conceito de Cultura no Brasil**, Rio de Janeiro, Ed. DP e A. 3ª Ed.
- _____. (1998). **Samba, o dono do corpo**. 2º edição, Rio de Janeiro, Mauad.
- VIANA, Isabel Carvalho (2011). Formação e educação: um projecto criativo de interface com a emancipação profissional. **Revista Educação Skepsis**, n. 2 – Formación Profesional. Vol. II. Claves para la formación profesional. São Paulo: skepsis.org. pp. 630-660 url: < <http://academiaskepsis.org/revistaEducacao.html>> [ISSN 2177-9163], enero/julio.
- _____. (2010). “Project and Creativity – a Relational Environment of Sense for Interdisciplinary Innovation.” In N. Hattum-Jansesen; R. M. Lima, & D. Carvalho (eds.) Second Ibero-American Symposium on Project Approaches in Engineering Education (PAEE’2010): **Creating Meaningful Learning Environments**. Barcelona, digital edition. pp. 55-59
- _____. (2007). **O Projecto Curricular de Turma na mudança das práticas do Ensino Básico. Contributos para o desenvolvimento curricular e profissional nas escolas**. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.

ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA: CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO TERRITÓRIAL

Iranildes de Jesus Santos¹

Jucelma Brito²

Maria Graciele Carneiro da Silva³

Viviane Borges⁴

RESUMO

O presente texto tem por objetivo discutir as modificações ocorridas no prédio onde foi implantada a Antiga Estação Ferroviária da cidade de Amargosa, hoje, o atual Espaço Nordeste. Para isso, fizemos uma breve contextualização histórica do município em questão, refletindo assim, sobre a constituição dos espaços, entendendo que estes são socialmente construídos para atender determinada demanda. Para a concretização de tal pesquisa, centramo-nos na realização de uma entrevista, conversas informais e estudo bibliográfico a respeito de tais transformações. Baseamo-nos em autores que discutem a história da cidade, e as transições do espaço supracitado, Lomanto Neto (2007), e Lins (2008). Tal espaço exerceu e exerce papel relevante para a população local, no sentido de desenvolver atividades econômicas e culturais.

Palavras-chave: Antiga Estação Ferroviária, Modificações, Amargosa.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the changes in the building where the former station was located the town of Amargosa Railway today, the current Northeast Area. For this, we made a brief

¹ Graduanda do VI semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/ Centro de Formação de Professores (UFRB/CFP) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

² Graduanda do VI semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Centro de Formação de Professores (UFRB/CFP).

³ Graduanda do VI semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/ Centro de Formação de Professores (UFRB/CFP), e bolsista do Programa de Educação Tutoria (PET), especificamente do grupo PET Educação e Sustentabilidade.

⁴ Graduanda do VI semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/Centro de Formação de Professores (UFRB/CFP).

historical background of the municipality in question, reflecting on the constitution of spaces, understanding that these are socially constructed to meet specific demand. For the realization of this research, we focus on conducting an interview, informal conversations and bibliographical study about such transformations. We rely on authors who discuss the history of the city, and the transitions of the above space, Lomanto Neto (2007) and Lins (2008). This space served and plays an important role for the local population, to develop economic and cultural activities.

Keywords: Old Railway Station, Modifications, Amargosa.

INTRODUÇÃO

Para entender a relevância de um determinado espaço em seu contexto social, faz-se necessário discutir o processo de modificação histórica e geográfica. Na perspectiva de compreender as transformações relacionadas à estrutura e funções ocorridas no prédio em que se encontram situadas. Assim, para refletir sobre a importância da Antiga Estação Ferroviária de Amargosa na década de 1892 e sobre os processos de modificação desta para se tornar hoje o Espaço Nordeste, fez-se necessário uma breve contextualização histórica. Para isso, realizamos uma entrevista semiestruturada com um morador do entorno do atual imóvel e pesquisa bibliográfica, bem como conversas informais em relação ao mesmo.

A referida cidade foi outrora, o centro de uma região baseada na cultura cafeeira. Nesse período, o município viveu um momento de ascensão econômica, no qual o classificou como polo de produção e exportação. Tais acontecimentos foram norteadores do processo de desenvolvimento e expansão do município, pois atraiu para cá muitas pessoas em busca de maiores oportunidades de trabalho.

Em 1892 foi inaugurada o Ramal da Estrada de Ferro de Nazaré, que interligava Amargosa ao porto de Nazaré, com o intuito de dinamizar o processo de comercialização do café. Neste sentido, foi construída a Estação Ferroviária no centro da cidade de Amargosa, na qual ocorria o embarque e desembarque de cargas e pessoas, servindo também para negociação de animais e demais produtos produzidos na região.

O presente artigo está subdividido em três seções: a primeira diz respeito à contextualização da história da cidade, a segunda refere-se à antiga Estação Ferroviária, e a

terceira discorre sobre as atuais atividades desenvolvidas no prédio onde funcionava tal estação, hoje denominado Espaço Nordeste.

AMARGOSA: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Para refletir sobre a importância da Antiga Estação Ferroviária de Amargosa na década de 1892 e sobre os processos de modificação desta para se tornar hoje o Espaço Nordeste, fez-se necessário uma breve contextualização histórica para nos situar na passagem do tempo e nas transformações geográficas, ancorando na compressão dos fenômenos que ocorriam antes, durante e depois de sua implantação.

A Região de Amargosa

A história que hoje conhecemos sobre Amargosa-Bahia, é que, a região onde se encontra situado o município atualmente, foi de domínio dos índios *Sapuyás* e dos *Camurus*, que posteriormente foram denominados de *Kariris* (LINS, 2008, p. 67). Depois de um longo e intenso período de conflitos, por volta de 1884, foram massacrados e expulsos pelos colonizadores.

O período que sucedeu a expulsão dos índios da região do recôncavo e Vale do Jequiriçá veio acompanhado de diversos fatores para o processo de evolução e expansão territorial. Nessa perspectiva, Lomanto Neto (2007) nos diz que:

A história da evolução territorial pode ser desenhada a partir de várias combinações: a ocupação das terras mais a oeste de Nazaré e Santo Antônio de Jesus; a busca de minérios e pedras preciosas; o caminho para o sertão; e o plantio do café e fumo na região recém desbravada. Sendo esta última a que mais favoreceu a aglomeração de algumas famílias formando o povoado e o crescimento econômico da região. (LOMANTO NETO, 2007, p. 153).

Como indicador dos primeiros personagens da história de Amargosa, Lins (2008) aponta que no início do século XIX se destacam à figura das famílias de Gonçalo Correia Caldas e Francisco José da Costa Moreira, primeiros habitantes daquelas terras. Na fazenda

de Gonçalo Correia Caldas, especificamente no local onde ficava sua casa, hoje se encontra localizado o Hospital de Santa Casa de Misericórdia.

Com o surgimento dos primeiros habitantes, muitos dos que faleceram eram sepultados nas proximidades, o que levou ao acréscimo da população, pois os familiares acabavam ficando próximo do local onde seus entes queridos eram enterrados. Assim, com a formação do povoado, “por volta de 1820 a 1830, surgiu a necessidade de um cemitério local, diante da dificuldade do sepultamento dos mortos, que era realizado na freguesia de São Miguel, a mais de 16 km do local” (LINS, 2008, p. 67). Como respeito e pregação religiosa à morada dos mortos, plantou-se um cruzeiro que centralizou o ponto das primeiras devoções daquele povo católico. Por volta da década de 1840, o cruzeiro foi substituído por uma capelinha (LOMANTO NETO, 2007, p. 153).

Outro fator importante para a expansão da população do singelo povoado, foi a calamitosa seca no sertão ocorrida por volta de 1844. Nesse período, muitos sertanejos e pessoas das regiões vizinhas acabaram vindo para o povoado em busca de recursos, tais como água providas dos rios Jequiriçá-Mirim e Corta-Mão, e a procura de terras férteis para o plantio, tudo em prol da melhoria de vida.

As pessoas que chegavam à região se sentiam animadas com a fertilidade do solo e a disponibilidade e abundância da água, assim:

(...) a população local começou a desenvolver o plantio do fumo, cana-de-açúcar e do café. Este último, o café, se adaptou bem ao clima e relevo da região e devido ao seu alto valor comercial no mercado externo se estabelece rapidamente como principal atividade econômica. (LINS, 2008, p. 67).

Com o notável desenvolvimento do povoado, este passou a categoria de Freguesia. Assim, conforme nos aponta Lins (2008, p. 68), foi “em 30 de junho de 1855, pelo então vice-presidente da província da Bahia, Sr. Álvaro Tibério de Moncorvo e Lima, através da resolução nº 574. A recém criada freguesia passou a se chamar Freguesia de Nossa Senhora o Bom Conselho”.

O atual nome da cidade teve origem devido à temporada de caça aos pombos de carne amargas, muito conhecidas no centro sul do Estado da Bahia e em Mato Grosso. Como a região possuía estas espécies, os caçadores, indo às caçadas se convidavam

“vamos as amargosas”, referindo-se aos pombos, e assim se deu origem o nome da futura cidade de Amargosa - Bahia.

Amargosa foi em um determinado período, o centro de uma região de economia basicamente cafeeira, o que chamou a atenção de estudiosos para explicar esse fenômeno. Exemplo disso foi os estudos feitos por uma equipe do laboratório de Geomorfologia, chefiado pelo professor Milton Santos no final do século XIX e início do século XX. Neste momento histórico, segundo Lomanto Neto (2007), o município viveu um período de apogeu, sendo destacado como o principal polo regional da economia cafeeira da época.

Muitos dos produtos que eram produzidos na época precisavam ser escoados/exportados para outras localidades. Assim, para dar sequência ao processo dinâmico de produção agrícola na região, é implantado em Amargosa em 1890 a Ramal da Estrada de Ferro de Nazaré, que movimentou e impulsionou o desenvolvimento da cidade.

A ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE AMARGOSA

No contexto de crescimento da cidade e da economia agroexportadora é que em 17/12/1892 foi inaugurada o Ramal da Estrada de Ferro de Nazaré, que interligava Amargosa ao porto de Nazaré, tendo o objetivo de dar saída ao café e ao fumo, que eram os produtos de exportação da região, otimizando o escoamento desses produtos agrícolas e facilitando o comércio com a Europa. Apesar do principal objetivo da mesma ser o transporte da produção agrícola, também transportava pessoas.

Segundo Lins (2008), com o fluxo de passageiros e mais estabelecimentos comerciais, os arredores da Estação Ferroviária do centro da cidade de Amargosa ficaram cada vez mais densas. Como já afirmado, era uma local de embarque e desembarque de passageiros e cargas. Era também um campo, onde havia barganha e venda de animais; os tropeiros descansavam e negociavam as mercadorias: feijão, café, farinha, rapadura, e fumo.

Tal Estação era composta pelo seguinte quadro de funcionários:

- O chefe dessa estação: Severino Pessoa;
- Vendedor das passagens: Pedro Barbosa;
- O chefe do trem, que ficava no guichê e residia em uma casa ao lado da estação ferroviária, hoje a atual quadra de esportes do bosque;

- Os carregadores, que eram responsáveis por buscar nas residências as bagagens que seriam transportadas;
- Os serventes;
- Os guarda-freios, que eram responsáveis pela sinalização da chegada e saída dos trens, para esta função era necessário que estes viajassem no teto das classes ou segurando as cordas;
- Os maquinistas;
- Os foguistas, que tinham como função colocar a lenha nas caldeiras;
- Recebedor de impostos, encarregados de receber os impostos Municipais da Estação;
- O mecânico Sr. José Freire.

A máquina do trem nº 30 que percorria de Amargosa à São Miguel, era menos potente. Para alimentar as caldeiras desta, era preciso apanhar água nas caixas d'água das fazendas. Já as lenhas eram armazenadas nos depósitos ao longo do percurso. As acomodações do trem eram divididas em 1ª e 2ª classe, e o que as diferenciavam eram os assentos, pois estes só possuíam acolchoamento na 1ª classe.

Esta Estrada de Ferro e conseqüentemente a Estação Ferroviária permaneceram ativas até 1963, tal desativação ocorreu por causa da queda na produção de café, devido à exigência do IBC (Instituto Brasileiro do Café), que passou a exigir que o café para exportação fosse despulpado, o município de Amargosa não tinha os recursos necessários para tal atividade, ocasionando assim a crise econômica na região, como afirma Lomanto Neto (2007, p. 156):

O período de pujança econômica decorrente do modelo implantado no século XIX perdurou até e final década de 30 do século passado, quando se observa uma queda na produção de café, associado ao fato do Instituto Brasileiro do Café - IBC começar a exigir que o café para exportação fosse despulpado. Amargosa sofreu com isso grandes prejuízos, pois não dispunha de tecnologia para a realização dessa atividade.

Nesse período estava havendo uma instabilidade econômica em todo o país, por causa do fim da Segunda Guerra Mundial, o que interferiu nas atividades econômicas da região de Amargosa. “O fim da segunda guerra mundial trouxe severas mudanças na

economia mundial, refletindo no comércio internacional e por consequência nas exportações da região de Amargosa” (LOMANTO NETO, 2007, p. 156).

A produção do café foi sendo substituída pelo capim braquiária.

As alternativas encontradas pelas oligarquias locais encasteladas no poder sinalizavam para atividades econômicas mais concentradoras ainda. Áreas onde era cultivada a cultura do café, erradicadas através indenizadas pagas pelo governo federal, passam ser exploradas com a pecuária leiteira e de corte. As pastagens com as braquiárias tomam lugar da agricultura e das florestas, com fartos crédito financeiros, via bancos oficiais, notadamente o Banco do Brasil. (LOMANTO NETO, 2007, p. 157)

Tal dinâmica econômica trouxe sérias consequências em relação ao contexto ambiental, pois houve desmatamento de muitas áreas, o que causou amplos impactos ambientais.

Depois de desativada a Ferrovia, o prédio onde situava a Estação em questão teve outras funcionalidades. Segundo o entrevistado, o local já foi um mercado chamado Cesta do Povo, e a Rodoviária da cidade. Atualmente o lugar foi cedido para a implantação do Espaço Nordeste.

DE ESTAÇÃO FERROVIÁRIA PARA ESPAÇO NORDESTE

Com a parceria da Prefeitura e do Instituto Nordeste Cidadania (INEC), o Prédio da Antiga Estação Ferroviária, atualmente esta sendo ocupado pela Unidade Espaço Nordeste, que fica situado na Praça da Bandeira - mais conhecida como Praça do Bosque- sendo inaugurado em 05.07.2012, na qual fornece a sociedade amargosense vários serviços bancários e culturais, que são realizados neste espaço, com o intuito de resgatar e valorizar principalmente a cultura local. Segundo Meira Filho (2012), “Num só lugar, os visitantes terão acesso às linhas de crédito do Banco e também uma alternativa de lazer, de produção e fruição à cultura”.

Nas várias salas disponíveis estão instalados: auditório para eventos, sala para a realização de reuniões, oficinas, atendimento ao cliente e eventos das mais diversas

temáticas, sala de leitura, biblioteca, serviço com computadores para o acesso a internet e acesso a internet sem fio.

CONCLUSÃO

Considerando a importância da Antiga estação Ferroviária de Amargosa para o processo de dinamização da exportação dos produtos agrícolas produzidos na região, compreendemos que esta foi determinante para o desenvolvimento e expansão do município, nos mostrando que os espaços são socialmente construídos e determinados com base nas necessidades da população em suas referidas épocas.

Diante do que foi explanado neste trabalho e sob a afirmação de que os espaços se constituem para atender as demandas sociais, conclui-se que o espaço estudado em questão exerceu e continua exercendo grande relevância para a população amargosense, pois como já relatado neste funcionou atividades de grande importância econômica para a cidade, e agora vem oferecendo novos serviços, sendo estes econômicos e culturais.

REFERÊNCIAS

Amargosa Notícias. Disponível em:

<http://www.amargosanoticias.com/amargosa/2%C2%BA-espaco-nordeste-da-bahia-e-inaugurado-em-amargosa.html>. Acessado em 15 de março de 2014.

LINS, Robson Oliveira. **A Região de Amargosa: Transformações e dinâmica atual** (recuperando uma contribuição de Milton Santos). Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2008.

LOMANTO NETO, Raul. A “Região de Amargosa”: Olhares contemporâneos. **In: Recôncavo da Bahia: educação, cultura e sociedade** / Organizadores: Luís Flávio R. Godinho, Fábio Josué S. Santos. Amargosa, Bahia: Ed. CIAN, 2007. P. 153 – 160, 2007.

RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO ROQUE A PARTIR DA MEMÓRIA DE SEUS MORADORES

Jardelina Garcia¹

Josiane Oliveira²

Mailana Pereira³

Monique Brandão⁴

Vanusa Costa⁵

RESUMO

Para compreender os processos existentes numa determinada sociedade, faz-se necessário entender a formação deste lugar bem como as relações nele existentes. A história do bairro São Roque ainda não fora contada, como pode ser observado durante nossas tentativas perante aos órgãos municipais. Por esse motivo nossa pesquisa foi baseada quase que completamente na narração de memórias e na História Oral, pois entendemos que estes sejam uns dos melhores mecanismos para se compreender a história de um lugar e de seu povo. O artigo foi desenvolvido no âmbito do componente curricular “Ensino e Aprendizagem em História”, no Centro de Formação de Professores, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Campus de Amargosa - BA, com o objetivo de trazer dados referentes às transformações sociais, políticas, estruturais e econômicas do bairro no decorrer da história, bem como a sua participação na construção do município de amargosa. Metodologicamente utilizamos a análise documental, conversa informal e entrevista. Como aporte teórico nos embasamos em Freitas (2002), Bosi (2003), Frochengarten (2005), Lomanto Neto (2007), Zorzo (2007) dentre outros. Tais estudos, ao

¹Graduanda do VI semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, do Centro de Formação de Professores, Campus de Amargosa - BA.

² Graduanda do VI semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, do Centro de Formação de Professores, Campus de Amargosa - BA.

³ Graduanda do VI semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, do Centro de Formação de Professores, Campus de Amargosa - BA.

⁴ Graduanda do VI semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, do Centro de Formação de Professores, Campus de Amargosa - BA.

⁵ Graduanda do VI semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, do Centro de Formação de Professores, Campus de Amargosa - BA.

partirem da realidade presente, revelaram no Bairro são Roque diversas transformações ao longo da história. Foi possível então compreender a realidade presente desse espaço de forma mais ampla.

Palavras-chave: História oral, Amargosa, Bairro São Roque.

ABSTRACT

To understand existing processes in a given society, it is necessary to understand the formation of this place as well as relationships existing therein. The story of St. Roch neighborhood hasn't counted out, as can be observed during our attempts before municipal bodies. For this reason our research was based almost entirely on narration of memories and Oral history, because we believe that these are some of the best mechanisms for understanding the history of a place and its people. The article was developed within the curricular component "in teaching and learning History", in the Centre of training of teachers, at the Federal University of Recôncavo da Bahia, Campus of Amargosa-BA, aiming to bring data regarding social transformations, policies, economic and structural subdivision in the course of the story, as well as their participation in the construction of the city of Amargosa. Methodologically we use the documental analysis, informal conversation and interview. As theoretical contribution in embasamos in Freitas (2002), Bosi (2003), Frochengarten (2005), Lomanto Neto (2007), Zorzo (2007) among others. Such studies, to leave this reality, revealed in the San Roque various transformations throughout history. It was possible then to understand the reality present this space more broadly.

Keywords: Oral history, Amargosa, Bairro São Roque.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa norteou-se por meio do dispositivo de pesquisa: história oral. Esta permite a expressão de saberes, informações e conhecimento dos atores envolvidos na comunidade. Segundo Freitas (2002, p. 27) trata-se de uma metodologia de trabalho “cujo método consiste na realização de depoimentos pessoais orais, por meio de técnicas de

entrevista que utiliza um gravador, além de estratégias, questões práticas e éticas relacionada ao uso desse método”.

Enquanto que a narração de memórias de vida é norteada por uma metodologia de entrevistas com roteiro.

Uma entrevista com roteiro não pressupõe um questionário fechado, que imponha ao memorialista os interesses do ouvinte-pesquisador. Tampouco dispensa perguntas previamente elaboradas, o que arriscaria precipitar a narrativa em abstrações, estereotípias e associações pouco exigentes à memória e ao enfrentamento dos fenômenos. Uma entrevista com roteiro pretende estimular a comunicação do memorialista com vivências concretas e uma narrativa pessoal, em que não seja obstruído o fluxo de sua elaboração. Nesta medida, as questões devem exigir um relacionamento com a alteridade da experiência narrada e o enlace de lembrança e pensamento em uma mesma tarefa (FROCHTENGARTEN, 2004 apud FROCHTENGARTEN, 2005, p.375).

A pesquisa teve como base um estudo de campo desenvolvido através de visitas ao arquivo municipal, prefeitura, sede paroquial, escola do bairro, Associação de moradores, com o intuito de encontrar documentos referentes à formação sociocultural e estrutural do bairro São Roque. Além disso, utilizamos de fontes orais realizadas a partir de entrevistas com pessoas que residem no bairro, desde o surgimento das primeiras ruas, sendo um total de três entrevistas. A fim de manter o anonimato, os entrevistados desta pesquisa tiveram seus nomes preservados, sendo trocados pelos pseudônimos: Paraíso, Artista e Fuxico.

Os sujeitos entrevistados foram escolhidos mediante o critério de maior tempo vivendo no bairro. Essas pessoas são de classe popular, com idades entre 70 a 83 anos, sendo duas mulheres e um homem.

Os documentos encontrados foram a Ata das reuniões da associação Beneficente 2 de Julho, o PPP da Escola Professora Rosalina Souza Bittencourt e um projeto que visava proporcionar um diálogo entre poder público e a sociedade a respeito das situações de vulnerabilidade social, econômica, e, de violência doméstica contra as mulheres no município de Amargosa/BA, em especial no bairro São Roque.

Conforme Gil (2007, p.53): “O estudo de campo apresenta algumas vantagens em relação principalmente aos levantamentos. Como é desenvolvido no próprio local em que ocorrem os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos”.

Tomamos como referencial teórico, alguns estudos sobre a História Oral: Freitas (2002); Memória: Bosi (2003) e Frochtengarten (2005); Região de Amargosa: Lomanto Neto (2007) e Zorzo (2007), além de outros autores que discutem a temática.

A presente pesquisa teve como objetivo contribuir para aprofundar os estudos sobre o surgimento do bairro São Roque, perante o crescimento de Amargosa e bem como a dificuldade existente devido a inexistência de documentos a cerca do surgimento do bairro em destaque.

ENTENDENDO A HISTÓRIA ATRAVÉS DE RELATOS E DE MEMÓRIAS

Atualmente vivemos em um mundo indiferente onde a modernidade transformou o homem em um ser sem sensibilidade e sem memória, regido pelo capitalismo acirrado. Onde a era da informação trouxe ao ser humano um excesso de conhecimento que satura a forma de conhecer o mundo, o que implica a destruição de valores concretos.

Para se contestar é necessário valorizar a tradição, preservar a memória, o passado. Dessa forma, conhecer a vida de um povo é remontar a sua história, através da narração dos seus ascendentes. Ao narrar, o memorialista contextualiza através das suas lembranças, a tradição de seus ancestrais e de sua vida, mostrando quem ele é.

O passado narrado carrega uma opinião: uma lembrança é uma perspectiva sobre o vivido. Por meio dela o memorialista aparece aos demais. A arte de narrar envolve a coordenação da alma, da voz, do olhar e das mãos. É como que uma performance em que a palavra, associada à ação, permite ao homem mostrar quem ele é. (FROCHTENGARTEN, 2005, p. 372).

Segundo Frochtengarten (2005), a arte de narrar representa um modo de participação dos homens no comando político, a memória oral erguer-se contra o isolamento do ser humano. Quando habita o palco compartilhado por narrador e ouvinte, o passado de um homem introduz-se no regime de inteligência de outros homens, e dessa forma aproxima-se do passado do grupo.

A memória é a forma de o homem manter-se vivo. Pois parte das suas vivências já foram extirpadas ao longo dos anos, seja com a ausência dos antigos companheiros, seja através das grandes mudanças ocorridas no seu espaço, motivadas pelos avanços tecnológicos e arquitetônicos.

Dispensados os antigos companheiros e desfeitas as paisagens, é por meio de uma escuta que o narrador encontra apoio para convocar o passado ao presente. Quando entrega suas vivências a um ouvinte, de algum modo libertando-se do fardo solitário do testemunho, um homem pode ouvir a si próprio e suturar suas reminiscências ao momento atual. A resistência da memória oral assenta sobre a necessidade de atribuir algum sentido de permanência à existência dos homens no mundo. (FROCHTENGARTEN, 2005, p. 374).

É através da memória que o homem incorpora o enraizamento. O homem enraizado conserva heranças do passado. Segundo Frochtengarten (2005), as heranças do passado podem ser transmitidas pelas palavras das pessoas mais velhas, através de um ensinamento, de uma sugestão prática ou uma regra. Podem ser transmitidas como bens materiais: a paisagem de uma cidade, a chão revolvido pelos ancestrais, a habitação por eles residida ou objetos que revivem feitos por velhas gerações. “Em outros termos, diríamos que a participação social do homem enraizado está assentada em meios onde recebe os princípios da vida moral, intelectual e espiritual que irão informar sua existência.” (FROCHTENGARTEN, 2005, p.368).

Segundo Frochtengarten (2005, p. 374) “a memória oral é condição promotora de enraizamento”, por meio dela o homem conserva e transmite sua herança, disseminando o conhecimento dos seus ancestrais. Fazendo a mediação entre passado e presente, na perspectiva da transmissão de valores, conteúdos etc.

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem intermediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (BOSI, 2003, p.15)

Como já diziam um homem sem passado é um homem sem memória. Essa frase incita-nos a pensar sobre a importância da memória, quando se trata da preservação da cultura e do passado de um povo. Essa reflexão vai além, pois nos permite entender que a memória não se trata apenas de preservar artefatos antigos, ou qualquer outro material que insinue ser do passado, mas sim entender que se trata de arquivar as lembranças de um indivíduo, seus valores, suas crenças, suas tradições, permitindo assim que o memorialista viva em cada narração relatada por ele, como se a imortalidade fizesse parte de sua essência. Uma vida sem memória é como o vazio da existência.

“Narrar o passado deveria ser um direito estendido a todos os homens. Aqueles que partem sem ter o heroísmo de sua biografia reconhecido por um ouvinte deixam a impressão de ter morrido duas vezes. Uma vida é vivida quando narrada.” (FROCHTENGARTEN, 2005, p.374). A narração propicia ao narrador a arte da renovação. Pois cada vez que ele narra sua história, ele reelabora os fatos e as recordações, num processo evolutivo mental. Oferecendo ao ouvinte um discurso incompleto e indefinido sobre os fatos vividos, acrescentando mais elementos e informações a cada narração.

(...) a narração de memórias de vida propicia um trabalho de elaboração psíquica no qual reside outra razão para a ascensão da memória oral. Quando conta sua biografia, o memorialista não tem a oferecer um discurso completo e definitivo sobre o vivido. Uma narração é uma prática da linguagem em processo e que se renova a cada experiência de recordar, pensar e contar. (FROCHTENGARTEN, 2005, p.374)

Assim como a memória oral, também a História Oral tem revelado questões que antes eram obscuras a partir da investigação da realidade dos sujeitos, das suas ações e relações nas estruturas sociais.

Enquanto os historiadores estudam os atores da história à distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estarão sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os "objetos" de estudo em "sujeitos",

contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira. (THOMPSON, 1992, p.135)

A História Oral começou a ser valorizada com a revolução da Escola dos Annales que impulsionou diferentes perspectivas de escrever e estudar a história, buscando constituir uma história que não estivesse preocupada com a apologia de príncipes e sim com os anônimos, com seu modo de vida, resgatando assim as experiências individuais.

De acordo com Portelli (1997) *apud* Rosa (2006, p.3) "A História Oral, mais do que sobre eventos, fala sobre significados; nela, a aderência ao fato cede passagem a imaginação, ao simbolismo."

Trabalhar com História oral possibilita os fatos e suas implicações no contexto em que elas acontecem, uma vez que as fontes orais fornecem subsídios para a compreensão das dinâmicas dos grupos bem como permite captar as vozes ocultas pelo saber oficializado.

(...) a opção pela História Oral possibilita o estudo da vida social das pessoas e ao trabalho com a questão do cotidiano, evidenciando a trilha da história dos cidadãos comuns em uma rotina explicada na lógica da vida coletiva de gerações que vivem no presente. (ROSA, 2007, p.4)

Debater sobre memória e História Oral possibilita refletir sobre o registro dos acontecimentos na voz de próprios autores. É uma forma de resistência ao progresso e às invenções tecnológicas que são algozes da vitalidade do passado e da cultura, ou seja, é através da memória e da história oral que o homem torna-se vivo a cada dia, perpetuando assim a história de seus antepassados.

Através do uso da memória e da história oral é possível resgatar a história de um determinado local. Pensando nisso, buscamos através desses mecanismos, utilizados pelos teóricos acima citados, compreender como se deu a história de Amargosa a fim de entender a formação do bairro São Roque.

BREVE HISTÓRICO SOBRE AMARGOSA

Para entendermos a história do bairro São Roque é preciso primeiro que conheçamos o cenário no qual se encontrava a cidade de Amargosa nesse período. Pensando nisso faremos um breve apanhado da história desse município.

Segundo Brasileiro (1978) Amargosa surge a partir da peregrinação de fieis que iam à busca da Missão de Frei Luiz no arraial de Milagres. Estes faziam pousada à sombra de um pé de sapucaia, local onde matavam pombas amargosas para se alimentarem. Surge assim a ideia de voltar e fixar moradia nessas terras tão férteis. A partir daí vão se instalando novos moradores, e estes vão derrubando as matas para plantação de fumo, cana-de-açúcar e café, este último se tornaria anos mais tarde, a principal atividade econômica.

A instalação oficial da Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho de Amargosa ocorreu em 5 de fevereiro de 1877. Nesse período, deu-se um crescimento vertiginoso da vila, decorrente do comércio com o sertão e da produção do café e do fumo, boa parte exportada para a Europa. Em 19 de junho de 1891, aconteceu o ato de criação que elevou a Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho de Amargosa à categoria de cidade, passando a se chamar apenas Amargosa. O nome desta cidade teve origem na caça das pombas de carne amarga que faziam parte da fauna local, e que atraía caçadores da região, através do convite: “vamos às amargosas”. No dia 2 de julho de 1891 aconteceu a sessão solene que executou o ato de criação, assinado pelo então governador do estado da Bahia, Dr. José Gonçalves da Silva. (LINS, 2008, p.68).

Alguns moradores se instalaram na cidade fugindo da seca que assolava o Nordeste, outros influenciados pelos primeiros moradores e pela prosperidade econômica. A produção e exportação de café crescem absurdamente o que faz com que se tenha necessidade de um meio de escoamento mais ágil do que as existentes. Daí tem-se a iniciativa do prolongamento da estrada de ferro Nazaré fazendo uma ligação entre a cidade de Amargosa ao porto de Nazaré.

De acordo com Neto (2007, p.154): “(...) o município de Amargosa, era de domínio dos índios Sapuyás e dos Caramurus, posteriormente denominados Karirís, ambos

pertencentes à família linguística Kariri”. Com a chegada dos primeiros agricultores descendentes de portugueses a região, o pequeno povoado teve um intenso desenvolvimento. Gonçalo Correia Caldas se instalou na antiga Santa Casa de Misericórdia, onde hoje fica localizado o CAPS¹, se tornando um ilustre fazendeiro da região.

Segundo Lomanto Neto (2007) diversos fatores cooperaram para a formação do povoado dentre 1825 a 1830, como: “(...) a ocupação das terras mais a oeste de Nazaré e Santo Antônio de Jesus; a busca de minérios e pedras preciosas; o caminho para o sertão; e o plantio do café e fumo na região recém-desbravada”. (p.153). Com a construção de uma capela e de um cemitério o crescimento do povoado se intensificou ainda mais.

De acordo com Lomanto Neto (2007, p. 153) a formação de Amargosa desde sua formação apresentava grande influência da igreja católica:

Com a formação do povoado, por volta de 1825 a 1830, surgiu a necessidade de um cemitério local, diante da dificuldade do sepultamento dos mortos, que era realizado na freguesia de São Miguel, a mais de 16 km de distância. O local do cemitério foi marcado por um cruzeiro, que aos domingos e dias santos se transformava em um ponto de manifestação das primeiras devoções públicas desse povo eminentemente católico. Por volta de 1840, o cruzeiro foi substituído por uma capela, construída pelas famílias de Gonçalo Correia Caldas e Francisco José da Costa Moreira.

Em 1855 com o intenso crescimento do pequeno povoado este foi elevado à categoria de Freguesia de Nossa Senhora do Bom Conselho, sendo elevada a categoria de vila em 1877, passando a ser nomeada Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho.

Devido o crescimento desenfreado no dia 19 de junho de 1891, a Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho passou a categoria de cidade, recebendo dessa forma o nome “Amargosa”. Conforme Lomanto Neto (2007) o nome originou-se devido à existência de um grande número de pombas na região, sendo assim a origem do nome da cidade teve como intuito homenagear as pombas.

¹ O CAPS(Centro de Atenção Psicossocial) dá suporte à pessoas com necessidades psicológicas especiais tais como esquizofrênicos. No CAPS são desenvolvidas vários tipos de oficinas e atividades educativas a fim de favorecer um bem estar a seus usuários.

Com a chegada da Estrada de Ferro em 1892, Amargosa obteve grande progresso econômico devido à intensa produção de café e fumo na região. A estrada de ferro possibilitava a comercialização dos produtos cultivados, o trem tornou possível o escoamento do café para a Europa, mantendo assim intensas transações.

A emergência da ferrovia, a constituição do território ferroviário e a sua supressão foram passos decisivos para o crescimento de Amargosa. Do ponto de vista territorial, a incorporação de Amargosa à rede de cidades baianas conectadas pela ferrovia e sua participação na constituição de um modo de vida urbano no s. XIX... (ZORZO, 2007.p.87).

Existiam armazéns que eram responsáveis por exportar esses produtos, sendo que a maioria desses armazéns tinha filial na França. Com o passar do tempo outras plantações foram sendo desenvolvidas na região, no entanto não com o mesmo êxito do café. Com o crescimento da produção de fumo instalou-se na cidade uma fábrica de charutos, mas o principal produto comercializado continuou a ser o café devido sua alta produção, sendo assim Amargosa passou a ser chamada de “Pequena São Paulo”, pois passou a ser um foco de desenvolvimento econômico na região.

Com o plantio do café e do fumo, que possibilitaram o fortalecimento da economia, o crescimento do município se deu de forma bastante intensa. O café e o fumo eram cultivados em grande quantidade, pois era exportado para fora do país.

Com o apoio dos devotos e devido ao intenso poder econômico criou-se na cidade, a Diocese de Amargosa em 1940, sendo a 6ª Diocese da Bahia do período, para a efetivação da construção da catedral de Nossa Senhora, trouxeram técnicos da Europa para esculpir o teto da igreja. A igreja católica teve grande influência na formação do município de Amargosa desde a vinda dos primeiros colonizadores.

Conforme Lomanto Neto (2007, p.156): “A década de 30 do século passado foi marcada pelas construções de grandes obras, marcas do passado onde a riqueza da região era ostentada junto com os grandes casarões.” Com a crise do café em 1930 a economia do município enfraqueceu.

Não diferente da formação de Amargosa, é a formação do bairro São Roque, por onde passava a linha ferroviária Tram-Road Nazaré.

RECONTANDO A HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO ROQUE

O bairro surgiu a partir do loteamento de posses de uma fazenda de propriedade do senhor João Paraíso². As primeiras ruas foram a Rua de Palha, que ganhou esse nome pelo fato de que as casas eram feitas de adobe e cobertas de palha, e a Rua dos Artistas, conhecida assim por nela habitarem vários artífices. Segundo Artista “As casas eram pequenas. As da rua de palha eram cobertas com palha, depois que calçou ai colocaram o nome Dois de julho”.

A Rua de Palha, que mais tarde recebe o nome de Rua 2 de Julho, em homenagem ao dia em que Amargosa foi elevada à categoria de cidade. Era um local muito humilde, onde as condições de infraestrutura eram precárias, não tinha saneamento básico, água encanada nem energia elétrica. A rua, segundo relatos de moradores antigos, tinha duas ladeiras muito íngremes que somente após muitos anos foi rebaixada com auxílio de uma máquina própria para esse tipo de serviço.

Ainda na Rua 2 de Julho, foi fundada, no 24 de outubro de 1967, a Associação Beneficente 2 de Julho, situada na casa do senhor Arlindo Pereira de Souza, presidente da associação, que viria a doar o terreno onde está locada a sede da referida associação. Esta associação se propôs a desenvolver “projetos” para a melhoria do bairro. Tratava-se de proporcionar momentos em que se pudessem ter cursos de arte culinária, manter atividades recreativas tais como, dança, música, pintura, poesia e arte cênica, além de promover práticas educativas a fim de proporcionar o bem comum.

Essa associação era composta por moradores do bairro, que pagavam uma mensalidade e tinham direitos como, por exemplo: auxílios funerário, médico, farmacêutico, dentário e hospitalar. Em 04 de outubro de 1985 a Associação Beneficente 2 de Julho, é reconhecida pelo então prefeito Josué Sampaio Melo, como utilidade pública, o que faria com que fosse possível conseguir alguns benefícios advindos do Poder Público.

Ainda nos dias de hoje, a Associação Beneficente 2 de Julho, desenvolve atividades recreativas no bairro, tais como a Batucada no carnaval e o quebra pote no dia 2 de julho. Vale mencionar que essas manifestações (Batucada Dois de Julho, sob direção do senhor Adalberto e Batucada Aurora, sob a direção do senhor Tide) já existem aproximadamente desde a década de 1970.

² O bairro surge primeiro com o nome de Fazendinha, depois fica com o nome Paraíso, em homenagem a João Paraíso.

Quanto aos componentes destas Batucadas, sabe-se que, por serem originárias de ruas “proletárias”, como designou o Sr. Clóvis 233 ao se referir à Rua de Palha, pode-se afirmar que eram formadas pela classe trabalhadora de Amargosa. (...) Nesta rua existiram as Batucadas “Aurora” e a “Dois de Julho”. Visualmente o perfil racial que prevalecia (...) eram de negros e mestiços. (...)As Batucadas eram espaços de formação musical e o Sr. Adalberto,(...), formaria mais tarde, em finais dos anos 1960, a Batucada “Dois de Julho”. Existe a possibilidade desta ter sido a mesma Batucada “Aurora” que poderia ter mudado de nome. Pois tanto a Batucada do “Negro Tide”, quanto a de Adalberto, eram provenientes da “Rua Dois de Julho”, popularmente conhecida por “Rua de Palha”. (MARQUES, 2012, p. 109).

A Rua dos Artistas era muito visitada por estudantes, viajantes e feirantes que vinham de outros municípios, com a finalidade de conhecer o prostíbulo. Este abrigava as meninas das cidades próximas que eram desonradas, e os pais às expulsavam de suas casas.

Segundo Paraíso “na época que surgiu tinham pessoas que se revoltaram, mas não tinha o que fazer o bordel já teve muito movimento”. Fuxico relata que quando veio orar no bairro o prostíbulo “já existia, pertencia a um policial e foi passando de um pra outro, mas nunca atrapalhou a gente não”.

O prostíbulo, que ainda hoje se localiza na Rua dos Artistas, teve início na Rua de Palha. Fundado por um soldado conhecido por “João Berga”, alguns anos depois mudou de dono e passou a se fixar na Rua dos Artistas. Mesmo tendo uma infraestrutura de qualidade inferior, o prostíbulo continua funcionando e ocupa quase 50% da extensão da rua.

Retomando a criação do bairro, surge a pequena Igreja de São Roque que, segundo contam os antigos moradores, essa foi à segunda igreja católica instalada na cidade. Relatam ainda que no lugar onde hoje é a igreja, antes era uma casa que foi abandonada, e com os anos foi se deteriorando, ficando completamente em ruínas. Até que o PE. Almiro e PE. Dom Florêncio resolveram juntamente com a comunidade erguer a capela.

Além disso, segundo os moradores, antes de erguerem a capela no bairro, a festa de São Roque, era comemorada em Diógenes Sampaio, e desejosos de que a comemoração fosse feita no bairro, fora construída a igreja. Atualmente a festa de São Roque, que acontece no mês de Agosto, é comemorada tanto no bairro São Roque, quanto no distrito de Diógenes Sampaio.

Próximo a Igreja de São Roque localizava-se a lavanderia comunitária do bairro. Antes da construção da lavanderia, as mulheres do bairro, que lavavam roupas de outras pessoas para complementar a renda de suas casas, lavavam roupa diretamente na fonte, localizada a poucos metros da igreja. Além disso, por não ter água encanada nas casas, todos consumiam a água dessa fonte para os mais diversos fins.

Paraíso afirma que: “quando eu vim morar aqui a lavanderia já existia. Fizeram a lavanderia por que não tinha água encanada aí as pessoas vinham lavar roupa aí. Era uma pobreza de se dá dó”. Fuxico declara:

Eu não me lembro de como surgiu e porque construíram. Eu lavava roupa na fonte, depois passei a lavar na lavanderia, e as vezes em casa. Depois que me casei parei de lavar roupa na lavanderia. Antigamente possuía cisterna, as pessoas carregavam água no pote e em latas.

Com o passar dos anos, foi construída uma caixa d’água nessa fonte, e foi erguida também a lavanderia comunitária. Segundo relatos, a água usada na lavanderia vinha dessa caixa d’água localizada numa área de pastagem que ainda existe no bairro. Como a bomba hidráulica que puxava a água dessa caixa d’água para a lavanderia era fraca, a água ficava gotejando o que fez com que trocassem esse fornecimento de água da caixa d’água para uma fonte localizada no Timbó.

Por muitos anos, essa lavanderia foi um meio de sustento para muitas famílias que dela se beneficiaram. No entanto, no dia 21 de agosto de 2012, em meio a protestos dos moradores do bairro, a lavanderia foi demolida para dar lugar à criação de uma creche. Poucos metros do local da antiga lavanderia foi construída outra, de pequeno porte que comporta apenas seis pias.

Durante a manhã desta quinta-feira (05), dezenas de moradores do Bairro São Roque se reuniram em frente à Lavanderia pública que fica localizada no bairro, para impedir que houvesse a demolição do imóvel, que de acordo com as informações passadas pelos moradores, estava prevista para acontecer hoje. Os moradores do Bairro São Roque falaram sobre a importância histórica da lavanderia que existe há mais de 50 anos. “A lavanderia existe desde quando o bairro ainda era chamado de Bairro da Fazendinha”, afirmou um manifestante. O espaço tem um histórico de

manifestações culturais onde as antigas lavadeiras do bairro ganhavam seu dinheiro e cantavam samba de roda, relata alguns dos presentes. Segundo os moradores do Bairro São Roque, a Prefeitura pretende construir uma creche no espaço onde funciona a Lavanderia. (GOMES, 2012, p.01).

Em frente à lavanderia havia dois banheiros públicos que os moradores utilizavam para tomar banho. Hoje em dia existe uma venda no local. Há poucos metros da lavanderia e desses banheiros, passava a linha ferroviária. Moradores foram construindo suas casas ao redor da linha do trem. A rua hoje conhecida como Avenida Antônio Carlos Magalhães, era chamada de Rua da Linha.

Na revista da comemoração do centenário de Amargosa, Leite (1991, p.26) afirma que: “Não nos foi possível identificar fontes consultadas o período exato em que deixaram de circular os trens pelo ramal de Amargosa, nos permitindo supor tenha isto se dado após as chuvas torrenciais da década de 60”.

Por alguns anos os trilhos permaneceram na Rua da Linha, no entanto, onde passava o “Tram-Road à Vapor de Nazaré” (mas tarde denominada Companhia Ram-Road Nazaré) foi construída um canteiro com belíssimos Flamboaiãs e flores de Jasmim azuis que circundam canteiro e vão do início ao fim da Avenida Antônio Carlos Magalhães.

Além dessas três ruas (Rua de Palha, Rua dos Artistas e Rua da Linha), existia também o largo do Paraíso, que possui um pequeno jardim recentemente reformado pela prefeitura. A Rua do Quebra Viola que segundo relatos tem esse nome porque as pessoas se reuniam para tocar viola e algumas vezes os bêbados faziam confusão acabando com a diversão. A Rua 15 de novembro recebeu esse nome em homenagem à Proclamação da República. O Beco do Fuxico, que faz a ligação entre as Ruas de Palha e dos Artistas, dizem que recebeu essa denominação devido aos moradores fazerem fofocas entre eles. Esse beco, atualmente, chama-se Segunda Travessa da Rua dos Artistas e possui poucas casas. E por fim o Beco do Piolho, que segundo consta leva esse nome pelo fato de que as mães sentavam-se nas portas de suas casas e ficavam a catar piolhos nas cabeças de seus filhos.

Próximo à Igreja de São Roque, foi construído um pequeno prédio onde se instalou o anexo da Escola Professora Rosalina Souza Bittencourt. Nessa escola estudaram praticamente todos os jovens do bairro. A escola leva esse nome em homenagem a esta

professora que lecionou por vários anos nesse lugar e que falecera ainda muito jovem. Esta escola oferta ensino da Educação Infantil ao 5º ano nos turnos matutino e vespertino e no noturno atende a EJA. Fuxico afirma que “o prédio já existia, eu tenho um amor danado, como se fosse minha casa. Meus filhos tudo estudou aí”.

O bairro, no seu surgimento, destoava um pouco do cenário econômico de Amargosa, uma vez que esta vivia o apogeu econômico chegando a ser denominada “A pequena São Paulo”. Os moradores do bairro São Roque viviam de forma precária.

A história econômica de Amargosa, fala de uma época de grande prosperidade e riqueza que viveu a região, quando o município obtinha elevada produtividade na lavoura cafeeira aliada à de fumo. Possivelmente, dos fins do século XIX até as primeiras décadas do século XX, apesar dos métodos rotineiros e empíricos que ainda se empregam na lavoura, o café, hoje decadente, foi o principal produto da região de Amargosa (SANTOS, 1963: 7 *apud* REBOUÇAS, 2012, p.6).

A maioria dos homens trabalhava na agricultura de café e nos armazéns de fumo. Para complementar a renda, as mulheres e as crianças trabalhavam destalando³ o fumo trazido do armazém da COPATA que ficava localizado nas proximidades da estação ferroviária do centro da cidade (local onde hoje se encontra o Gourmet Hall e o Bar Segunda Chamada).

O entrevistado Fuxico relata que:

Era difícil. Eu trabalhava no armazém da COPATA, eu e meu marido, vinha fumo de toda região. Foi lá que assinaram minha carteira, cada ano assinava a carteira, três, quatro meses no ano, ai depois a gente ficava desempregado esperando chamar de novo. Era difícil mesmo para criar tantos filhos como eu criei.

Com a decadência dos armazéns de fumo, que foi por muito tempo uma moeda forte em nossa economia, aumentou o desemprego principalmente para as mulheres que

³ Destalar o fumo consistia em retirar o talo da folha seca do fumo. As destaladeiras de fumo eram responsáveis apenas por esse processo na produção do fumo.

fabricavam charuto artesanal em casa e beneficiavam fumo nos armazéns. Atrelado a isso houve um momento de declínio na economia de Amargosa ocasionada pela crise do café.

Com a Crise de 1929, a situação da economia cafeeira entrou em colapso no país e o comércio do café, nas décadas seguintes, sofreu quebras em cadeia (redução dos preços, demanda insuficiente, falências e concordatas, entre outros), advindos de uma estagnação mundial. E no plano local, o problema nas exportações trouxe transtornos à economia que produzia em grande escala para outros países. (REBOUÇAS, 2012, p, 7).

Com o desenvolvimento da cidade de Amargosa e as secas que atingiam o Nordeste, houve crescimento desordenado de moradias, fazendo surgir novas ruas e aumentar o tamanho da população neste bairro. Atualmente o bairro conta com dez ruas e mais três loteamentos que fazem ligação com os bairros São Cristóvão e São José.

Além disso, existe no bairro, localizado na Avenida Antônio Carlos Magalhães um Posto de Saúde da Família (PSF). Neste PSF tem atendimento médico, odontológico, além de serviços de enfermagem, vacina, curativo, farmácia e outros serviços especializados, proporcionados por psicóloga, fisioterapeuta, fonoaudióloga etc..

Em vistas do que era o bairro São Roque este se modificou significativamente. No que diz respeito à infraestrutura, as casas possuem uma estrutura moderna, todas com energia elétrica, água encanada, a maioria das ruas possui sistema de esgoto, as ruas são bem iluminadas. Somente onde surgiram novos loteamentos é que as condições de infraestrutura ainda são precárias.

“A vista aquele tempo tá tudo mais ou menos, a pobreza daquele tempo era demais, com esse prefeito aí mudou 50% a cidade”, relata Artista.

Vale ressaltar que ainda existem moradias com a construção original datada do surgimento do bairro. No que diz respeito ao lazer, não existem opções para os jovens se divertirem (apenas a Batucada Dois de Julho, que ainda acontece durante o carnaval).

Os moradores que chegaram ao bairro São Roque vieram em busca de melhores condições de vida e trabalho nas fazendas existentes na região e posteriormente por causa do armazém que na cidade se instalou, foram surgindo também algumas casas comerciais e alguns serviços básicos como: escola, padaria, bares etc.

À medida que o bairro crescia, os serviços básicos e o comércio foram crescendo na mesma proporção, já que o forte comércio ficava centralizado no centro da cidade e ficava um pouco distante para suprir as necessidades dos moradores. Sendo assim casas comerciais começaram a surgir no bairro.

Dessa forma nota-se que na medida em que a população vai aumentando, no bairro vai se instalando serviços básicos, comércio e lazer. Logo, este processo ocorre desde o surgimento do bairro até os dias atuais de acordo com o desenvolvimento do bairro.

O aumento do bairro gera uma demanda de serviços, comércio e lazer, possibilitando a oferta de empregos, opções de compra, escola e até mesmo a valorização do bairro. Vale ressaltar que esse aumento populacional do bairro além dos pontos positivos pode provocar também pontos negativos como drogas, violência etc.

Como em todo território brasileiro, o bairro São Roque sofre com a epidemia do Crack e de outras drogas. Grande parte dos jovens desse bairro está envolvida de alguma forma com essa peste que vem devastando a juventude amargosense. Atrelado a isso, a falta de policiamento também é um grande problema neste local.

Segundo Paraíso:

Modificou em relação ao silêncio, com o aumento da população. Eu nem gosto de falar da juventude por causa desse movimento que tá acontecendo hoje. Antigamente não via essas coisas estranhas (drogas), o jovem querendo se acabar. A gente tem até pena.

Porém, o que se pode notar é que existe uma visão deturpada em relação ao bairro, visão esta que vem arraigada nas mentalidades das pessoas desde o surgimento desse local até os dias atuais. Pessoas que desconhecem a história do lugar e dão-se por satisfeitas apenas com comentários preconceituosos, uma vez que por possuir um prostíbulo; ser composto em sua maioria por pessoas humildes trabalhadoras e sofrer com o uso de drogas entre alguns de seus jovens, é visto como um lugar de marginais, de pessoas desocupadas que ficam a espera apenas de programas sociais como as mais diversas “bolsas” oferecidas pelo governo.

Para se compreender as relações existentes no presente é preciso que se compreenda o seu passado, o processo de construção e transformação sofrido ao longo dos anos por este local e pelas pessoas que nele habitam.

CONCLUSÃO

Durante a pesquisa, foi possível perceber que muito pouco se tem falado sobre a história do bairro São Roque. Registros escritos não existem, ou pelo menos não encontramos. Na verdade o que deixa transparecer é que a memória do povo tem-se perdido com os anos, haja vista que pouco se tem registrado e que as pessoas que fizeram parte da gênese desse lugar em sua grande maioria já faleceram. A única parcela de pessoas que puderam nos dar informações a cerca do bairro, não moravam lá na época do surgimento.

No entanto, os moradores desse bairro demonstram um sentimento de pertença e discursam com nostalgia sobre o passado do lugar. Em muitos relatos, foi possível perceber que a simplicidade daquele tempo é o que mais faz falta a essas pessoas quando relatam que era muito agradável viver nesse lugar, onde não havia preocupações em relação à segurança, aspecto que hoje vem se modificando devido aos avanços sofridos em todas as sociedades contemporâneas.

Além disso, o bairro São Roque sofre com epidemia do crack entre os jovens, epidemia sofrida por praticamente todos os bairros do município de Amargosa e até mesmo de todo o Brasil. Infelizmente essa é uma triste realidade dos jovens, mas que não é algo peculiar do bairro.

O que pode ser notado, contudo, é que nos documentos encontrados existe um enorme preconceito em relação a este lugar, acreditamos que este preconceito muito se dá pelo fato de ser um local onde a maior parte de seus moradores é de classe social baixa. Todavia, entendemos que esses documentos só reforçam o preconceito vivido diariamente por essas pessoas, uma vez que estes documentos retratam uma visão estereotipada dos sujeitos dessa comunidade.

É preciso que existam mais pesquisas voltadas a conhecer as histórias de lugares como o Bairro São Roque, conhecer a história do ponto de vista de quem a vive e não do ponto de vista de quem está de fora e que por não entender os processos existentes neste lugar acaba por fornecer informações equivocadas e distorcidas.

O poder público precisa desenvolver atitudes que tenha como objetivo a preservação da qualidade de vida de seus moradores, e redirecionar o desenvolvimento do bairro de forma mais ordenada. Pois, caso contrário, o declínio da qualidade de vida e o crescimento desordenado continuarão ocorrendo.

Por fim, a condução da pesquisa se deu na perspectiva de conhecer mais profundamente a história do Bairro São Roque, bem como a sua importância para o município de Amargosa. Tal entendimento sustentou-se na experiência feita da interação constante entre pesquisadores e moradores mais velhos do bairro em questão. Tal interação nos permitiu conhecer as vivências do povo, suas peculiaridades e sua cultura. Tentamos mostrar tais especialidades, não como separadas da cidade de Amargosa, mas vinculadas como um conjunto.

O estudo da história de um pequeno local pode ser muito mais do que parece a princípio, ou seja, o estudo do simples, do menor permite entender a vida de um povo com suas particularidades. É importante frisar que as possibilidades de estudo do bairro, na sua totalidade, são tão vastas e complexas que aqui procuramos abordar apenas alguns aspectos dessa extensa obra. Procuramos mostrar que essa história local não somente está contida na história mais ampla da cidade de Amargosa, mas também contém a sua própria história de bairro, revelando a cada momento, peça importante da majestosa Cidade Jardim.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. Disponível em: http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=fml11kv9qVIC&oi=fnd&pg=PA13&dq=memoria+social&ots=imdCkesvyk&sig=Uw8LSXjUwA99becd87T_FhfhQU8. Acesso em 16 de outubro de 2012.
- BRASILEIRO, Antonio Martins. **À Sombra do Jequitibá**. Revista Amargosa Cidade Jardim. 1ª Exposição Agropecuária de Amargosa, 1978.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2ª Ed.-São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006
- _____, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado, 2002. 115 p.
- FROCHTENGARTEN, Fernando. **A memória oral no mundo contemporâneo**. Estud. av., São Paulo, v. 19, n. 55, dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300027&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 out. 2012

GIL, Antonio Carlos, 1946 – **Como elaborar projetos de pesquisa**. – 4. ed. – 10. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Eduardo. **Amargosa: Moradores do bairro São Roque protestam contra demolição da lavanderia pública**. Amargosa News. Amargosa, 2012

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. **Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida**. Rev. katálysis, Florianópolis, v. 10, n. spe, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 13 out. 2012.

LEITE, José Francisco O. **A linha Federal**. Revista Amargosa Centenária. 1991

LINS, Robson Oliveira. **A região de Amargosa: transformações e dinâmica atual (recuperando uma contribuição de Milton Santos)** / Robson Oliveira. - Salvador, 2008.

MARQUES, Edcarla dos Santos. **Uma história social dos carnavais de Amargosa: Métodos de brincar e os “Cão”, 1940-1980**. Feira de Santana, 2012. Dissertação (Mestrado) pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

NETO, Raul. **A “Região de Amargosa”: Olhares Contemporâneos**. In: GODINHO, Luis Flavio Reis; SANTOS, Fábio Josué de Souza. Recôncavo da Bahia: Congresso de Pesquisadores do Recôncavo Sul. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amargosa, 2007.

REBOUÇAS, Jaqueline Argolo. **Uma “Pequena São Paulo” no interior da Bahia: Memórias da cidade de Amargosa**. Dissertação (Mestrado) pela Universidade Estadual da Bahia. 2012.

ROSA, Helena. **História Oral e Micro-História: aproximações, limites e possibilidades**. In: Portal CFH. IV Encontro Regional Sul de História Oral - anais eletrônicos - Nº 01 / 2007. Disponível em <<http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Helena%20Rosa.pdf>> acessado dia 06-10-2012.

THOMPSON, P.. **A voz do passado**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992. Disponível em <<http://www.patio.com.br/labirinto/voz%20do%20passado.html>>. Acesso em 06 de outubro de 2012.

SANTOS, Fábio Josué de Souza. Recôncavo da Bahia: Congresso de Pesquisadores do Recôncavo Sul. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amargosa, 2007.

ZORZO, Francisco Antonio. **Transporte e desenvolvimento urbano-regional: um estudo de Amargosa e da estrada de ferro de Nazaré**. In: GODINHO, Luis Flavio Reis.

UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE AS DIFICULDADES E PERSPECTIVAS DOS JOVENS AO TENTAR SE INSERIR NO MERCADO DE TRABALHO

Vanusa Santos Costa¹

RESUMO

A juventude é uma fase da vida marcada pela entrada do jovem no mercado de trabalho. É nessa fase da vida em que os jovens estão concluindo a formação escolar e começam logo a procurar trabalho. A falta de capacitação profissional é uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos jovens na busca por uma vaga no mercado de trabalho formal. Logo acabam colaborando com o crescimento do trabalho informal. O artigo foi desenvolvido no âmbito do componente curricular “Juventude, Educação e Sociedade”, no Centro de Formação de Professores, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Campus de Amargosa - BA, com o objetivo de apresentar uma reflexão acerca da Juventude e suas principais dificuldades em ingressar no mercado de trabalho. Metodologicamente utilizamos a pesquisa bibliográfica. Como aporte teórico nos embasamos em Gil (2008); Jeolás e Lima (2002); Joari (2004); Macedo (1994); Paula (2012) dentre outros. Tais estudos, ao partirem da realidade presente, revelaram as necessidades, dificuldades, valores e importância que o trabalho apresenta na vida dos jovens.

Palavras-chave: Juventude, Mercado de trabalho, Qualificação profissional.

ABSTRACT

Youth is a stage of life marked by the entry of young people into the labour market. It is in this stage of life in which young people are completing the training schools and start soon to look for work. The lack of professional training is one of the great difficulties faced by young people in the search for a spot in the formal labour market. Soon end up collaborating with the growth of informal work. The article was developed within the curricular component "Youth, education and society", in the Centre of training of teachers, at the Federal University of Recôncavo da Bahia, Campus of Amargosa - BA, with the goal of presenting a reflection about youth and their main difficulties in entering the labour

¹ Graduanda do IX semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, do Centro de Formação de Professores, Campus de Amargosa - BA.

market. Methodologically we use the bibliographical research. As theoretical contribution in embasamos in Gil (2008); Jeolás e Lima (2002); Joari (2004); Macedo (1994); Paula (2012) among others. Such studies, to leave this reality, revealed the needs, difficulties, values and importance that the work presents the lives of young people.

Keywords: Youth, The labour market, Professional qualification.

INTRODUÇÃO

É na juventude que os jovens almejam conquistar sua independência. Todavia uma das principais dificuldades enfrentadas pelos jovens ao tentar se inserir no mercado de trabalho é a falta de experiência profissional e o fato de não haver vagas para todos, e dentre tantos desempregados a busca de um emprego, esses jovens inexperientes acabam se deparando com candidatos que apresentam experiência na área em que concorrem a uma vaga. Em oposição do que poderia parecer, é bem mais fácil pra uma pessoa mais velha conseguir um emprego, do que uma pessoa mais nova. Isso acontece pelo simples fato da pessoa mais velha apresentar uma experiência profissional.

Apesar dos jovens apresentarem um grande desejo em entrar no mercado de trabalho, nem sempre conseguem uma oportunidade de mostrar que são capazes de contribuir para a transformação da sociedade e que também podem aprender a desenvolver as habilidades para a vaga ofertada realizando com empenho, dedicação e capacidade a função que lhes for atribuída.

Essas e outras questões decorrentes de alguns diálogos estabelecidos com autores que abordam as temáticas aqui trabalhadas, suscitou-nos através deste artigo discutir a questão da Juventude, bem como suas dificuldades de ingresso no mercado de trabalho.

No tocante à metodologia, utilizamos para esta pesquisa o estudo bibliográfico. Conforme Gil (2008) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em materiais já produzidos, composto sobretudo de livros e artigos científicos.

Segundo Macedo (1994, p.13) “no sentido amplo, a pesquisa bibliográfica é entendida como o planejamento global-inicial de qualquer trabalho de pesquisa, o qual envolve uma série de procedimentos metodológicos...”(p.13). Para o autor todo tipo de pesquisa científica necessita antes de qualquer outra coisa de uma pesquisa bibliográfica a

fim de examinar a literatura já existente, constituindo-se em um tipo de “varredura” a cerca do existe sobre o tema e a percepção dos autores que discutem o tema.

Tomamos como referencial teórico, alguns estudos sobre Juventude e Mercado de trabalho: Gil (2008); Jeolás e Lima (2002); Joari (2004); Macedo (1994); Paula (2012) dentre outros. A pesquisa teve como objetivo contribuir para aprofundar os estudos sobre os elementos que dificultam a entrada dos jovens no mercado de trabalho e também compreender a importância do trabalho na vida dos jovens e na construção da identidade social dessa categoria social.

Dessa forma, justifica-se o estudo do tema proposto por perceber um grande número de jovens desempregados e que almejam e necessitam se inserir no mercado de trabalho.

CONCEITUANDO JUVENTUDE

A juventude é caracterizada como uma etapa de preparação para a vida adulta. Sendo nesse período da vida que os jovens começam a definir sua identidade, seus interesses, seus projetos de vida, despertam e vivenciam a sexualidade, participam da vida política, procuram se inserir no mercado de trabalho etc.

Segundo Caldart et al., (2012) ao se tratar de juventude geralmente emprega-se a idade e a conduta do indivíduo como definições metodológicas. Os autores ainda abordam a juventude como momento de passagem da vida em meio à adolescência e a fase adulta.

Ainda que de forma contraditória costuma-se associar também os jovens ao futuro da nação. Os jovens são apontados como indivíduos em formação, inacabados, sem experiência, que necessitam ser regulados constantemente.

Conforme Paula (2012):

Várias vezes, a juventude é conceituada pela sociedade como sendo jovens em crises de identidade, de visão, indivíduos que não sabem o que querem e o que pretendem do futuro. Em muitos casos, infelizmente, a juventude é definida como sendo um problema ou mesmo um fardo. (p.17)

O que não é bem assim, pois muitos sabem exatamente o que querem, no entanto por uma série de fatores acabam não conseguindo alcançar seus objetivos.

Segundo a Novaes et. al, (2006) tanto em termos sociais como também políticos os jovens são indivíduos de direitos coletivos. Sua independência precisa ser estimada, sua identidade, modo de atuar, forma de viver e se pronunciar considerados. Ainda para a Novaes et. al (2006):

[...] nos aspectos da vivência pessoal e da consciência coletiva, ser jovem é um “estado de espírito”, uma dádiva, um “dom” de um momento passageiro da vida que não deveria passar, por ser o mais “interessante” e “vibrante”. Desse modo, ser jovem é ser empreendedor, expressar força, ter ânimo, se aventurar, ser espontâneo, ter uma boa apresentação física, ser viril, se divertir acima de tudo, priorizando o “bem viver” em detrimento das responsabilidades mesquinhas da vida [...] (p.5).

Ainda que a juventude seja considerada uma camada social composta por indivíduos que compartilham a mesma fase da vida, torna-se necessário se atentar para a pluralidade de experiências vivenciadas por esses indivíduos, que varia conforme sua etnia, sua escolarização, localidade em que mora, classe social a que pertence, trabalho, dentre outros.

JUVENTUDE E SUA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Segundo Jeolás e Lima (2002) na atualidade os jovens são abalados profundamente, tanto na sua entrada no mercado de trabalho quão grandemente no modo de elaborar suas expectativas quanto a ele, sobretudo porque é por meio do trabalho que os jovens que compõem à classe trabalhadora se inserem na sociedade e conquistam, deste modo, oportunidades de construir sua identidade.

Conforme as autoras supracitadas, os jovens valorizam o trabalho, pois, apresentam importância como esfera socializadora, destacando a disciplina, a responsabilidade e maturidade obtidas através do trabalho. Porém apresenta algumas características negativas como, por exemplo, o cansaço, a falta de reconhecimento e recompensa por parte do chefe, e de expectativas relacionados ao crescimento profissional. Para Jeolás e Lima (2002):

Os jovens têm em mente um trabalho ideal ou o trabalho de seus sonhos: um emprego de seis horas, deixando um pouco de tempo livre para a família, o estudo e o lazer, ou seja, tempo para "vida própria", bem remunerado, valorizado pelo patrão, com garantias ou perspectivas de ascensão e menos monótono. (p.52)

Entretanto isso não é o que geralmente acontece, pois quando esses jovens conseguem um emprego não são bem remunerados, a carga horária é de no mínimo 8hs ou mais, passam a ter que estudar no turno noturno. No entanto nem sempre conseguem terminar os estudos ou dar conta das atividades solicitadas pelos professores o que os leva a reprovação, não trabalham com carteira assinada e ainda por cima em muitos casos tem que trabalhar até mesmo no domingo e sem receber hora extra. Esses jovens com medo de perder o emprego ou por falta de opção acabam se submetendo a essas condições de trabalho.

Segundo Jeolás e Lima (2002):

[...] diante da dificuldade em conseguir um emprego e da instabilidade e precariedade dos vínculos empregatícios, os jovens, principalmente aqueles que não pertencem a segmentos de mão-de-obra mais qualificada, aceitam, muitas vezes, um trabalho alienante. Afirmam que até os trabalhos mais "sacrificados" podem representar uma oportunidade de experiência necessária para obtenção de melhores empregos [...] (p.53).

Os jovens acabam sendo obrigados a aceitar qualquer trabalho que aparece ainda que seja uma atividade da qual não gostam ou desejariam atuar e no entanto acabam aceitando devido uma série de fatores como contribuir com a renda familiar.

Também é possível perceber que os jovens acabam escolhendo seguir determinadas profissões embora não tenha afinidade, pelo fato de acreditar que terá mais facilidade de ingressar no mercado de trabalho e também obter retorno financeiro imediato. Isso é bastante visível principalmente nas cidades do interior, em especial aqui em Amargosa, ao ver um alto índice de jovens ingressando em cursos voltados para atuar na área da educação e saúde, ainda que não se identifique com a profissão, pois acreditam que irão conseguir um emprego mais rápido, o que nem sempre acontece.

De acordo com os Cadernos Ruth Cardoso (2010):

[...] a partir do advento da Lei Federal nº 10.097/2000, regulamentada pelo Decreto Federal nº 5.598/2005 (Lei do Aprendiz), que estabelece que todas as empresas de médio e grande porte são obrigadas a firmarem contrato especial de trabalho por tempo determinado, de no máximo dois anos, com adolescentes e jovens entre 14 e 24 anos de idade. Os jovens beneficiários são contratados por empresas como aprendizes, ao mesmo tempo em que são matriculados em cursos de aprendizagem, em instituições qualificadoras reconhecidas, responsáveis pela certificação. (p.115)

A partir do momento que esses jovens têm a oportunidade de trabalhar como jovens aprendizes eles tem a oportunidade de mostrar seu potencial, sem contar que adquire também experiência. Porém, apesar de ser a principal forma de contratação dos jovens, nem sempre são oferecidas as melhores condições salariais e de trabalho. A Lei do Aprendiz tem sido obtida pelos empresários como uma estratégia de barateamento e utilização de uma mão de obra juvenil qualificada.

Conforme a DIEESE (2005) a entrada dos jovens no mercado de trabalho acontece de forma diferenciada, pois essa inserção irá depender da condição socioeconômica da sua família, sendo ainda mais alarmante para os que apresentam baixa escolaridade e são pertencentes à classe de baixa renda. Dessa forma a probabilidade de encontrar um trabalho com salário e condições apropriadas se reduzem à medida que aumenta a desigualdade social. Não obtendo sucesso na busca por um emprego.

O problema do desemprego é, no entanto, mais grave para jovens com atributos pessoais específicos [...] o acesso dos jovens às oportunidades de ingresso no mercado de trabalho tem suas limitações, verificando-se padrões de inserção diferenciados em função da idade, sexo, condição econômica da família, bem como a região de domicílio. Assim, as diretrizes e os programas para a inserção ocupacional e formação profissional dos jovens devem levar em consideração as desigualdades de oportunidades segundo atributos pessoais e socioeconômicos deste segmento da população. (DIEESE, 2005, p.2)

Os jovens das classes populares começam a trabalhar antes mesmo da idade permitida por lei, sem sequer ter completado o ensino fundamental e com péssimas condições de trabalho. Já os jovens pertencentes à classe mais elevada só entram no mercado de trabalho após ter concluído o ensino médio por volta dos 18 anos de idade.

Os jovens pertencentes às famílias de renda mais elevada tem melhores condições de ingresso no mercado de trabalho que os jovens pertencentes às famílias mais pobres, pois estes tem como se preparar melhor para concorrer as vagas ofertadas, dessa forma suas chances de conseguir um emprego são maiores. No entanto os jovens pertencentes às famílias de alto poder aquisitivo também enfrentam dificuldades para ingressar no mercado de trabalho.

O baixo crescimento da atividade econômica brasileira nos últimos anos tem efeito importante ao limitar o ritmo de geração de emprego, penalizando todos os trabalhadores. Para os jovens as dificuldades são ainda maiores, pois diante desse quadro de escassez de oportunidades de emprego, essa parcela da população sente-se em desvantagem na disputa por um posto de trabalho, pela menor experiência que apresenta. (DIEESE, 2005, p.6)

Além da falta de experiência muitos outros desafios são enfrentados pelos jovens brasileiros na busca por um trabalho como a falta de oportunidade, baixa escolaridade, indecisão vocacional, a falta de oportunidade de expansão dos estudos, mediante uma série de fatores que os impossibilitam de prosseguir rumo à profissionalização, falta de eficácia de políticas públicas voltadas para o público juvenil, restando-lhes apenas trabalhos de baixa remuneração.

Segundo a DIEESE (2005):

[...] Chama a atenção o fato de o desemprego ser uma forma de exclusão que adquire proporções preocupantes entre a população jovem de todas as áreas urbanas pesquisadas, no entanto, recai particularmente sobre o grupo etário de 16 a 17 anos, as mulheres, jovens residentes nas regiões metropolitanas do nordeste do Brasil e aqueles pertencentes às famílias de mais baixa renda. (p.7)

Portanto, apesar de ser alto o índice de desempregados, quem mais sofre com o desemprego é a população feminina em especial as jovens mulheres negras. Sendo portanto os mais castigados pelos efeitos cruéis do desemprego e falta de respeito aos direitos do trabalhador.

Se tratando da questão do desemprego essa situação é ainda mais crítica quando se trata da população negra, que além de sofrer pela falta de capacitação profissional sofre também com a discriminação. Para Paula (2012, p.9) “Um dos problemas enfrentados pela população negra trata-se de sua inserção no mercado de trabalho, onde se apresentam dificuldades que necessitam ser analisadas, buscando alternativas para a redução dos obstáculos presentes”. Esses jovens não têm condições igualitárias de ingresso no mercado de trabalho e de crescimento profissional se comparado ao público dito “branco”, o que acaba impulsionando-os em muitos casos a entrar no mundo do crime.

Dessa forma esses cidadãos necessitam das mesmas oportunidades, nas quais sejam tratados de forma igualitária, fazendo valer o princípio de igualdade de oportunidade, levando em consideração, portanto, a sua capacitação e profissionalização e não a cor da pele.

Além de sofrer discriminação racial os jovens também sofrem discriminação por conta da forma como se vestem, corte de cabelo, tatuagens etc., o que acaba dificultando ainda mais sua entrada no mercado de trabalho.

Paula (2012) evidencia a urgente necessidade de elaborar políticas públicas, relacionadas à igualdade de oportunidade, tendo em vista a redução da discriminação e dos problemas encarados pelos jovens negros a fim da sua inserção no mercado de trabalho. E assim a discriminação, falta de oportunidade e desigualdade social não continue a se propagar para as próximas gerações.

Segundo Joari (2004): “Como se pode concluir, ser jovem, pobre, negro, do meio rural ou da periferia de uma grande cidade constitui uma experiência de vida marcada pela múltipla dificuldade para se alcançar um espaço digno no mundo do trabalho [...]” (p.12).

Conforme a Constituição Federal (BRASIL, 1988) “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança [...]” (art. 5º). A Constituição aborda também nos artigos 205, o direito de todos a educação que tem como objetivo o pleno desenvolvimento da pessoa, instruindo-lhes para exercer sua cidadania e qualificando-lhes para o mundo do trabalho.

Embora a constituição assegure uma infinidade de direitos, no mundo real não é bem o que acontece, pois as leis não são postas em prática e muito menos respeitadas. Dessa forma tais princípios e diretrizes não são vivenciados pelas camadas populares de forma satisfatória. Portanto cabe ao poder público promover políticas, ações e programas que possibilite aos jovens construir seu percurso educacional e profissional em condições igualitárias.

CONCLUSÃO

Foi possível concluir com essa pesquisa que a questão do trabalho é uma das grandes aflições da juventude e que o aumento do desemprego referente à classe juvenil acontece principalmente por conta da falta de experiência e qualificação profissional e pelo fato do mercado de trabalho não criar vagas para todos. Sendo fortemente explicado também por conta da competitividade do mercado que acaba deixando-os desmotivados. Assim sendo, a melhoria da qualidade de vida desses sujeitos depende da abertura de novas vagas no mercado de trabalho.

Dessa forma torna-se necessário levar em conta o crescimento da instabilidade dessa categoria social e a reduzida oferta de vagas no mercado de trabalho, para que assim os jovens possam alcançar suas metas, deixando de permanecer excluídos da sociedade, em virtude da falta de oportunidade e de desenvolvimento profissional.

A pesquisa nos revelou que outra grande dificuldade enfrentada pelos jovens é conseguir conciliar trabalho e estudo. Para que esses jovens consigam conciliar estudo e trabalho a carga horária de trabalho necessita ser reduzida, para que assim possam se dedicar também aos estudos e não continuem a abandoná-lo por necessidade de trabalho para obter uma renda, pois o resultado do abandono escolar é aumentar ainda mais as taxas de desemprego juvenil.

Seria muito bom se esses jovens pudessem adiar sua entrada no mercado de trabalho com o intuito de aperfeiçoar seus estudos e no futuro concorrer de forma igualitária no mercado de trabalho, porém eles precisam enfrentar o mercado de trabalho muito cedo, pois em sua maioria precisam garantir sua sobrevivência ou auxiliar nas despesas familiares, pois o que os pais ganham mal dá para se alimentar. Dessa forma o que leva esses jovens a ingressarem no mercado de trabalho é realmente a necessidade.

Conclui-se, deste modo, que o desemprego é uma questão que necessita de uma atenção especial por parte no público, o qual necessita promover ações, projetos, programas e cursos profissionalizantes que busquem ocupar o tempo desses jovens levando-os a aprenderem uma profissão e afastando-os do mundo da criminalidade. O que irá proporcionar-lhes também uma experiência profissional até porque os cursos profissionalizantes suprem a falta de experiência. Essas ações necessitam visar também à inserção desses jovens no mercado de trabalho até por que a constituição assegura também esse direito, no entanto precisa por em prática, pois só no papel não terá validade alguma.

REFERÊNCIAS

Cadernos Ruth Cardoso. **Juventude e mercado de trabalho**. Centro Ruth Cardoso. v. 2, n. 2 (ago. 2011). - São Paulo: Centro Ruth Cardoso, 2010.148p. Disponível em:

<http://www.institutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2013/07/juventude_e_o_mercado_de_trabalho.pdf>. Acesso em 18 de jan. 2014.

CALDART, Roseli Salete (org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988.

Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em 20 jan. 2014.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Estudos e pesquisas. **Juventude: Diversidades e desafios no mercado de trabalho metropolitano.**

Nº11-setembro de 2005. Disponível em:

<<http://www.mprs.mp.br/areas/infancia/arquivos/estpesq11jovens.pdf>>. Acesso em 18 de jan. 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JEOLÁS, Leila Sollberger; LIMA, Maria Elena Melchiades Salvadego de Souza.

Juventude e trabalho: entre "fazer o que gosta" e "gostar do que faz". Revista Mediações, Londrina, v.7, n.2, p.35-62, jul./dez. 2002. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9097>>. Acesso em 25 de jan. 2014.

JOARI, Aparecido Soares de. **Alguns aspectos da inserção de jovens no mercado de trabalho no Brasil: concepções, dados estatísticos, legislação, mecanismos de inserção e políticas públicas**. São Paulo. 2004. Disponível em:

<<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/146.pdf>>. Acesso em 12 de fev. 2014.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. -2. ed. Revista – São Paulo: Edições Loyola, 1994. 59p. Disponível em:

<<http://books.google.com.br/books?id=2z0A3cc6oUEC&printsec=frontcover&dq=pesquisa+bibliogr%C3%A1fica&hl=pt-BR&sa=X&ei=pfu-UuuVOYvqkQffxYDYCQ&ved=0CDEQ6AEwAA#v=onepage&q=pesquisa%20bibliogr%C3%A1fica&f=false>>. Acesso em 20 de fev. 2014.

NOVAES, Regina Célia Reyes (org.). **Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas**. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude, FUNDAÇÃO FRIEDRICH EBERT, 2006. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05611.pdf>>. Acesso em 07 de fev. 2014.

PAULA, Márcia Bernadete Leão dos Santos. **A inserção do jovem no mercado de trabalho: as dificuldades enfrentadas pelos jovens negros em busca do primeiro emprego**. Conselheiro Lafaiete. 2012. Disponível em:

<<http://www.amde.ufop.br/tccs/Lafaiete/Lafaiete%20-%20Marcia%20dos%20Santos.pdf>>. Acesso em 20 de fev. 2014.

SECAD/MEC. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Coleção Cadernos de EJA. **Juventude e Trabalho**.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/06_cd_al.pdf>. Acesso em 23 de fev. 2014.

DEPENDÊNCIA QUÍMICA: PROBLEMA BIOLÓGICO, PSICOLÓGICO OU SOCIAL?

Edivânia de Jesus Luz Barbosa ¹

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo problematizar sobre o consumo de substâncias psicoativas é uma característica comum a populações da maioria dos países, inclusive a do Brasil, sendo o tabaco e o álcool as mais utilizadas. Muitas variáveis (ambientais, biológicas, psicológicas e sociais) atuam simultaneamente para influenciar a tendência de qualquer pessoa vir a usar drogas e isto se deve à interação entre o agente (a droga), o sujeito (o indivíduo e a sociedade) e o meio (os contextos socioeconômico e cultural). Embora o principal objetivo de sua utilização fosse o alívio da dor ou servisse como parte da realização cultural. De forma geral, encontram-se nessa obra argumentos consistentes para fundamentar as questões das drogas e talvez por isso se torne referência para os interessados no estudo deste fenômeno. O paradoxo da droga é que ele ao mesmo tempo traz alívio alegria diversão, poder, sedução, produz dor, sofrimento, desagregação, escraviza e mata.

Palavras chave: Dependência química, Problema biológico, Psicológico ou social.

ABSTRACT

This research aims to discuss about the use of psychoactive substances is a common feature of populations of most countries, including Brazil, and tobacco and alcohol the most commonly used. Many variables (environmental, biological, psychological and social) act simultaneously to influence the trend of any person will use drugs and this is due to the interaction between the agent (the drug), the subject (the individual and society) and the medium (the socio-economic and cultural). Although the primary purpose of its use were pain relief or serve as part of cultural achievement. Overall, this work are consistent arguments to substantiate drug issues and perhaps this will become a reference for those

¹ Edivania de Jesus Luz Barbosa discente é do curso de licenciatura em química , 1^a semestre da universidade do recôncavo da Bahia (UFRB). Amargosa.

interested in the study of this phenomenon. The paradox of the drug is that it simultaneously brings relief joy fun, power, seduction, produces pain, suffering, breakdown, enslaves and kills.

Keywords: Chemical dependency, Biological problem, Psychological or social.

INTRODUÇÃO

Para compreender melhor a questão da dependência química O relato sobre o uso de drogas pela humanidade, remonta os tempos mais remotos, embora o principal objetivo de sua utilização fosse o alívio da dor ou servisse como parte da realização de rituais de uma determinada cultura. Para Santos (2009), a utilização de substâncias para alterar o estado psíquico é conhecida há mais de quatro mil anos, principalmente pelo povo egípcio, que àquela época já relatava o uso de oleáceos e maconha. A maioria dos medicamentos utilizados na Antiguidade era originária de plantas que como exemplo disso temos a maconha que hoje é considerada como drogas ilícita.

Segundo Mól, (2009), a definição atual de “droga” utilizada no meio científico é qualquer substância capaz de trazer alterações no funcionamento do organismo de um ser vivo, resultando em mudanças fisiológicas e comportamentais, sejam elas nocivas ou medicinais.

A capacidade de alterar os estados mentais ou psíquicos caracteriza as drogas conhecidas como psicotrópicas, que agem no cérebro e provocam mudanças nas sensações, nos pensamentos e comportamentos de um indivíduo. Para Santos, (2009) a palavra psicotrópica é originário de psico (mente) e trópico (atração por). Vale ressaltar que as alterações referidas podem ser causadas por qualquer tipo de droga, porém cada substância provoca uma reação diferente no organismo. No entanto, boa parte das drogas psicotrópicas apresenta uma forte tendência a causar a dependência de acordo com a sua utilização.

TIPOS DE DROGAS

Ansiolíticos

Os ansiolíticos, também chamados tranquilizantes são medicamentos capazes de atuar no sistema nervoso sobre o estado de ansiedade e a tensão, trazendo ao indivíduo uma sensação de calma tranquilizadora. São medicamentos prescritos a pessoas que sofrem de ansiedade ou insônia por também terem efeitos hipnóticos. Para Santos (2009), muitas pessoas utilizam os ansiolíticos de forma indiscriminada e inadequada, sempre que pensam enfrentar uma situação que gera ansiedade.

Para Mól (2009), outro grande problema é a mistura de ansiolíticos benzodiazepínicos (o tipo mais comum) com bebida alcoólica, que pode levar o indivíduo a graves problemas médicos, pois o álcool é um depressor do sistema nervoso central e potencializa os efeitos dos ansiolíticos.

Santos (2009) diz que, em longo prazo, a utilização inadequada dos ansiolíticos traz prejuízos nos processos de aprendizagem e memória do indivíduo e nas funções psicomotoras. As intoxicações agudas por benzodiazepínicos são encontradas com alguma frequência nas salas de emergência.

A sedação é o achado mais comum, mas pode haver casos de desinibição comportamental, com agressividade e hostilidade. Tal efeito é mais comum quando os benzodiazepínicos são combinados com o álcool, mas pode aparecer em pacientes idosos ou com lesões prévias no Sistema Nervoso Central (MÓL, 2009).

Anticolinérgicos

Para Silva (2008), os anticolinérgicos podem ser naturais (encontrado em algumas plantas, como lírio, trombeta de anjo, etc) ou sintéticos (encontrados em medicamentos contra o Mal de Parkinson, cólicas estomacais ou intestinais, e ainda em colírios para dilatar a pupila), e em ambos os tipos os efeitos produzidos são os mesmos.

Cocaína

A cocaína é uma substância capaz de estimular o sistema nervoso central, causando aceleração do pensamento, inquietação psicomotora, aumento do estado de alerta, inibição do apetite, perda do medo e sensação de poder. Segundo Mól (2009), no entanto, as sensações agradáveis por ela proporcionadas duram curto período de tempo, e após seus

efeitos, a pessoa pode ser levada a um estado de depressão, necessitando de outras doses da droga para ter a sensação que está saindo deste estado. A cocaína pode ser aspirada, injetada ou fumada (sob a forma de crack).

Seu uso contínuo pode levar a sérias complicações cardiovasculares, respiratórios, gastrointestinais, perda da capacidade sexual, entre outros. Quanto aos problemas psicológicos causados pelo seu uso em longo prazo, está a depressão, ansiedade, irritabilidade, agressividade, dificuldades de concentração, e sentimentos de perseguição (paranoia). Para Silva (2008), quando a dependência se estabelece, o indivíduo limita os seus comportamentos apenas para a busca e a utilização da droga, pondo de lado todas as outras atividades.

Êxtase

É uma substância inicialmente utilizada como moderador de apetite, porém atualmente é extensamente usada por pessoas que frequentam festas e casas noturnas, e tem a forma de um comprimido. Segundo Andrade (1994), seus efeitos agudos compreendem intensa hipertermia, podendo ir acima de 400 graus centígrados (o que pode levar a desidratação), taquicardia e elevação da pressão arterial, alucinações, aumento da atividade física e insônia. Os efeitos causados pelo seu uso em longo prazo são hepatopatias, cardiopatias, emagrecimento, transtornos psiquiátricos e lesão cerebral.

LSD

O LSD, também conhecido como “ácido”, é uma substância sintética, ou seja, produzida em laboratório, capaz de provocar grandes alterações mentais, causando fortes efeitos alucinógenos no indivíduo. Segundo Mól (2009), as alucinações, em sua maioria, ocorrem na área visual ou auditiva. Estados de intensa euforia podem ser intercalados com sentimentos de medo e tristeza, além da presença de sentimentos persecutórios.

Os efeitos agudos do uso do LSD são pupilas dilatadas, aumento da temperatura corporal e da pressão arterial, taquicardia, sudorese, perda de apetite, insônia, boca seca, tremores, alteração na percepção espacial e corporal, despersonalização, sinestesia (mistura de informações sensoriais, como “ouvir uma cor”, “ver um som”). Já os efeitos crônicos se traduzem por fadiga, tensão, transtornos psiquiátricos se houver predisposição, “flashbacks” (fenômeno de causa desconhecida, mas que leva o usuário a apresentar todos

os sintomas psíquicos de uma experiência anterior, mesmo sem ter utilizado a droga novamente), incapacidade de perceber e avaliar situações de risco.

Tabaco

O tabaco é uma planta denominada *Nicotina tabacum*, da qual é extraída a nicotina, entre outras substâncias altamente tóxicas como terebintina, formol, amônia, naftalina, etc.

O tabaco é uma droga que causa tolerância e dependência, e muitas das pessoas que fumam se sentem incapazes de interromper seu uso. Os efeitos agudos do tabaco são leve taquicardia, hipertensão, aumento da respiração e da atividade motora, dificuldade de digestão, insônia, tontura e inibição do apetite. Os efeitos causados pelo seu uso contínuo são doenças cardíacas, bronquite crônica, enfisema pulmonar, derrame cerebral, úlcera digestiva, diversos tipos de câncer, diminuição da longevidade.

Álcool

O álcool é uma das poucas drogas que têm o consentimento da sociedade para a sua utilização, o que facilita a sua aquisição e o uso indiscriminado em qualquer faixa da população. Para Mól, (2009) só é visto como um problema, quando é utilizado de forma exacerbada. Os efeitos causados pelo álcool incluem duas fases: uma estimulante e outra depressora. Na fase estimulante surgem a euforia, desinibição social e facilidade para falar em público:

“Os efeitos depressores se traduzem por falta de coordenação motora, sonolência e descontrole. O efeito depressor é acentuado pelo consumo excessivo do álcool, podendo levar ao estado de coma. Ele age diretamente em órgãos como fígado, coração, vasos, e parede de estômago, e seu uso prolongado pode desencadear patologias em cada um deles (MÓL, 2009).”

Para Mól (2009), o alcoolismo é uma doença muito comum, e de difícil controle, pois o álcool é utilizado pela primeira vez cada vez mais cedo, e para adquiri-lo, o indivíduo não precisa fazer grandes esforços. Em algumas comunidades, há uma estimulação quanto a ingestão do álcool, como se fosse traço de masculinidade, garantia de diversão em festas, etc.

TRATAMENTO

A dependência química é reconhecida como uma doença que afeta o indivíduo no campo biopsicossocial, e as estratégias de seu tratamento busca o restabelecimento físico, psicológico e a reinserção social do dependente.

Para Mtsunaga (2008), o tratamento da dependência química é muito complexo e seu sucesso e efetividade estão intimamente ligados ao grau de motivação do indivíduo. Os sintomas da dependência não diferem em grande escala de pessoa para pessoa, mas a motivação para a mudança se apresenta de uma determinada forma para cada um, sendo assim, variável. Após uma avaliação do quadro, o tratamento mais indicado será discutido junto com o dependente, sua família e a equipe multidisciplinar (MTSUNAGA, 2008).

A internação é parte do tratamento, e não uma única estratégia. Ela é utilizada com o objetivo de desintoxicar o indivíduo, e não implica na cura da dependência química. Segundo Adiala (2009), além disso, a internação é necessária quando o dependente apresenta sintomas de abstinência muito intensos, ou quando quadros psiquiátricos são desencadeados pelo uso excessivo de drogas.

DESENVOLVIMENTO

Para Gentil existe no mundo extensa produção bibliográfica sobre questões relacionadas às drogas (psicológicas, sociais, educacionais, políticas, sanitárias, econômicas e religiosas), popularmente conhecidas como drogas lícitas e ilícitas. A partir do século XX, essas publicações se intensificaram. Várias foram as razões para isso. Segundo Mól (2009), muitas drogas atuam no sistema nervoso central como analgésico que bloqueiam a sensação de dor a definição atual de drogas utilizada no meio científico é qualquer substância capaz de trazer alterações no funcionamento do organismo.

Para Silva (2008), o avanço científico e tecnológico, o conhecimento armazenado, a gama de tratamentos existentes, o envolvimento de muitas áreas do conhecimento com essa temática, a alta prevalência de pessoas envolvidas (portadores de dependência, narcotraficantes, crianças, adolescentes, adultos ou idosos).

As reflexões sobre essas questões ocupam grande parte da atenção dos estudiosos. Embora esses estudos representem boa bagagem na produção de conhecimento, ainda se fazem necessárias mais pesquisas para a melhor compreensão da complicada relação entre

as drogas e o homem. Ainda que tenhamos uma significativa produção intelectual sobre substâncias psicoativas, somos um tanto acanhados na compreensão deste fenômeno, que muito bem é articulado na obra de Leonardo de Araújo e Mota (ADILA, 1986).

Parafraseando Conte, pergunta-se: qual o campo em que se situam as drogas? A resposta é muito variada e heterogênea, tanto pelas disciplinas e ciências que se ocupam da área das substâncias psicoativas em relação ao uso de drogas, bem como pelos diferentes lugares que a droga ocupa na vida física, psíquica, legal e social do usuário e da comunidade. O uso de drogas situa-se em uma encruzilhada temática. O fenômeno diz respeito ao campo sociológico, médico, psicológico, jurídico, etimológico, psicanalítico, educacional, familiar e o religioso. Na pluralidade das interfaces desses campos é que o fenômeno da droga se situa. Sendo assim, cada lócus desse campo questiona e toma para si esse fenômeno em nome de alguma verdade que postula, oferecendo as mais diversas soluções. É com essa perspectiva em vista que o autor desenvolve seu trabalho, "*Dependência Química: Problema Biológico, Psicológico ou Social?*".

Para Santos (2009), a dependência química se apresenta sob duas formas: a dependência física e psicológica da substância. A dependência física é caracterizada pela presença de sintomas físicos extremamente desagradáveis que surgem quando o indivíduo interrompe ou diminui de forma abrupta o uso da droga, o que constitui na síndrome de abstinência. Quanto à dependência psicológica, as principais características compreendem um intenso estado de mal estar psíquico, levado por sintomas de ansiedade, depressão, dificuldades de concentração, entre outros, a partir do momento em que o indivíduo pára de ingerir a droga na frequência e quantidade habituais. Nesse caso, o dependente tem a sensação de ser incapaz de realizar qualquer atividade cotidiana sem o consumo da droga, mesmo que não tenha nenhum sintoma físico característico da abstinência.

A dependência química é entendida como uma doença que envolve aspectos biopsicossociais, e o curso de seu tratamento devem procurar oferecer intervenções nas três áreas para alcançar maior eficácia e efetividade.

Para sustentar os aspectos neurobiológicos da dependência, faz-se necessário mencionar o sistema de recompensa cerebral, responsável pela principal fonte de liberação da neurotransmissora dopamina. Segundo Andrade (1994), esta substância contida nos neurônios do segmento ventral, e cuja liberação ocorre no núcleo acumens e na área pré-frontal é responsável pelas principais vias do prazer, seja de modo natural, ou através do uso das drogas.

Todo esse sistema é responsável pela estimulação prazerosa, assim explicando parte do processo cerebral envolvido no uso de drogas.

Por causar uma sensação de bem-estar no indivíduo, o uso de drogas pode ser erroneamente associado ao alívio de tensões emocionais ou preocupações do indivíduo.

Dessa forma, entende-se que a droga é capaz de propiciar um amortecimento da vivência dos problemas emocionais de um indivíduo, mantendo-o alheio das dificuldades que deveria enfrentar na vida cotidiana. Um exemplo possível é o dos indivíduos que apresentam um quadro de intensa ansiedade, e que para minimizar as sensações dele provindas, ingerem álcool todas as vezes que necessitam enfrentar uma situação social. Nesse caso, a dependência química pode e instalar progressivamente de maneira subjacente à ansiedade.

Para explicar melhor estes aspectos envolvidos na dependência química, é necessário compreender o contexto social no qual o indivíduo se encontra inserido. Para Silva (2008), a realidade atual nos mostra que a disponibilidade da droga faz com que o álcool, o tabaco e até drogas mais pesadas, estejam muito próximas das crianças e adolescentes. O álcool é comercializado com pouco controle governamental, tornando-o uma das drogas de maior acesso pelos adolescentes.

Segundo Mól (2009), além da disponibilidade, a camada menos favorecida tem carência de suporte social adequado, especialmente quanto a educação, saúde e ao emprego, sabe-se que em muitas favelas o traficante pode exercer um papel manipulador, pois é ele quem passa a oferecer subsídios importantes no lugar da família ou dos órgãos governamentais.

Outros fatores como facilitação da interação social, a melhora dos vínculos sociais também pode ser caracterizada como um fator social de reforço do uso da droga. A confiança pessoal pode ser fortalecida enquanto as barreiras ou defesas diminuem. A intoxicação e a participação em rituais, como as atuais “rabis”, permitem que os usuários compartilhem suas experiências e sintam-se libertados das obrigações sociais normais.

Segundo Andrade (1994), o propósito da intoxicação é retirar-se das responsabilidades que a sociedade normalmente espera que um adulto ou adolescente tenha. A droga também é responsável por promover a coesão e solidariedade entre membros de um grupo social: serve como meio de identificação do grupo e com o grupo.

CONCLUSÃO

A conclusão final é que paradoxalmente ao que tem mostrado a história, a etiologia da dependência química é tarefa impossível de se realizar, e precisará ainda ocupar muitas mentes e esforços. Praticamente nenhum cientista ou teoria chegou a uma conclusão definitiva sobre essa questão, visto que as ciências são intrinsecamente transitórias e que nenhuma instância acadêmica isoladamente é capaz de fornecer uma teoria ou resposta consistente sobre as causas do uso e abuso de substâncias psicoativas.

Embora os problemas do uso de drogas sejam considerados como uma emergência na sociedade, não se pode deixar de ressaltar a importância de se realizar discussões com serenidade e comprometimento, não levando a construções anômalas, sem fundamentação alguma, não sendo possível pensar e abordar o tema em sua complexidade com reducionismos e preconceitos, apenas no campo conceitual teórico, puramente homogêneo e desarticulado.

Nesse sentido é imperativa e útil a visão de uma perspectiva de interdisciplinaridade ou a transdisciplinaridade, que permita conhecer o tema de forma mais ampla, pois a conjugação de esforços e abrangência de cada área possibilita por meio de pressupostos compartilhados uma visão sistêmica do fenômeno "*drogas*". Isso tudo desvela a dimensão deste entrecruzamento epidemiológico que é o processo saúde-doença.

O problema das drogas supera as questões simplesmente médicas, alimentando novas questões e problemas a ele relacionados, como por exemplo, a violência, a corrupção, a instabilidade política, o crime organizado, a lavagem de dinheiro, o favorecimento da propagação de AIDS e hepatites, entre outras. O produto "*droga*" encontra-se entre as três atividades mais lucrativas do mundo, superando o petróleo e o mercado das armas. Além disso, forma uma rede direta e indireta com um dos maiores empregadores de pessoas na produção, no consumo e na distribuição de substâncias psicoativas. Essa atividade agrega valor à sua existência, o que em muitas vezes explica a reduzida eficiência e eficácia de explicações, consolidando como poderosa economia ilegal.

De forma geral, encontram-se nessa obra argumentos consistentes para fundamentar as questões das drogas e talvez por isso se torne referência para os interessados no estudo deste fenômeno. O paradoxo da droga é que ele ao mesmo tempo traz alívio, alegria diversão, poder, sedução, produz dor, sofrimento, desagregação, escraviza e mata.

REFERÊNCIAS

- ADIALA, J. C. *O problema da maconha no Brasil*. Rio de Janeiro: IUERJ, 1986.
- ANDRADE, T. M. "A pessoa do usuário de drogas intravenosas" in: MESQUITA, F. e BASTOS, F. I. (org.). *Drogas e AIDS: estratégias de redução de danos*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BUCHER, R. *Drogas: o que é preciso saber para prevenir*. São Paulo: FUSSESP, 1992.
- Disponível em: <http://www.grupointernacao.com.br/tratamento-dependencia-quimica.php>. Acesso: 17 de setembro de 2013.
- CONTE, M. Psicanálise e redução de danos: articulações possíveis. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre* 2004; (25):23-33.
- MÓL, S,G. **Química geral**. São Paulo. 2ªed. 2009.
- MATSUNAGA.T,R. **Química geral**. São Paulo. 1ªed.2008.
- SILVA. S, G. **Química geral**. São Paulo.1ªed.2008.
- SANTOS.P, L, W. **Química e sociedade**. São Paulo. 1ªed.2009. Disponível em: <http://www.neurociencias.org.br/Display.php?Area=Textos>. Acessado em 23 de setembro de 2013.

A IMPORTÂNCIA DO PIBID, NA SUPERAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS E REJEIÇÃO A CULTURA AFRODESCENDENTE

Alisson da Silva Souza¹

Diana Sousa Lisboa²

RESUMO

O presente trabalho tem como principal finalidade relatar experiências vividas no projeto do PIBID, no subprojeto “*Memórias, Contos E Encantos Nas Expressões Socioculturais E Históricas No Cotidiano Dos Afro-Brasileiros*” vinculado ao curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus V, apresentado e aprovado no edital PIBID/CAPES-DEB nº 011/2012, em fase de desenvolvimento na Escola Municipalizada Antônio Fraga, destacando a relevante importância do projeto para o estudante da área de licenciatura. Outra pretensão foi realizar uma crítica à eventual literatura utilizada nas escolas de todo o Brasil, onde o negro é visualizado sempre de forma negativa, e o branco concebido continuamente como um ser altamente superior. A abordagem deste trabalho ambicionou ainda a consideração da tamanha diversidade de literaturas africanas existentes, possuidora de uma complexidade de temáticas e suas implicações na educação e no combate ao racismo.

Palavras chave: Educação, cultura afrodescendente, racismo.

ABSTRACT

This work has as main purpose to report experiences in PIBID project, subproject "Memories, Tales And Charms In Sociocultural and Historical In Everyday Expressions Of Afro-Brasileiros" linked to the Bachelor's Degree in History from the State University of Bahia - UNEB - Campus V, presented and approved in the announcement PIBID / CAPES-DEB No. 011/2012, under development at the School municipalized Antonio Fraga, highlighting the importance of the project relevant to the student's area of licensure. Another intention was to conduct a review of any literature used in schools throughout

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Recôncavo Baiano, professor supervisor do PIBID na Escola Municipalizada Antônio Fraga.

² Aluna e Bolsista ID do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCH Campus V, atuante na Escola Municipalizada Antônio Fraga.

Brazil, where black is always viewed negatively, and white continuously being designed as a highly superior. The approach of this work still aspired consideration of such diversity of African literature, possessing a complexity of issues and their implications for education and in combating racism.

Keywords: Education, culture African descent, racism.

INTRODUÇÃO

O PIBID- Programa de Bolsa de Iniciação à Docência, é um Programa da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) o qual possui como objetivo o estímulo a formação inicial e continuada de profissionais do magistério básico. Na prática, há uma articulação com a participação de estudantes dos Cursos de Licenciatura dentro das escolas de Educação Básica. Este trabalho é acompanhado e orientado por supervisores e professores da Universidade na qual há um subprojeto inscrito.

A UNEB, só inicia sua participação no PIBID em 2009, e neste ano, foram inscritos onze subprojetos. Em 2011, o número cresce e foram inscritos dezoito subprojetos, e em 2012 alcança-se um numeroso índice de trabalhos inscritos, sendo aprovados trinta e nove subprojetos, distribuídos em dezoito campi com a participação de 712 bolsistas de Iniciação à Docência (ID). Os bolsistas de Supervisão foram 106 e os trabalhos foram aplicados em 53 escolas públicas (municipais e estaduais). A equipe responsável pela coordenação deste Programa na UNEB é composta pelas seguintes docentes: Dayse Miranda, Camila Figueiredo, Marcea Sales e Patrícia Julia Coelho³.

O campus V da UNEB, instalado em Santo Antônio de Jesus-BA, inicia sua etapa de participação no PIBID em 2012, com o subprojeto inscrito pela professora Ana Rita de Araújo Machado, cujo tema foi “Memória, contos e encantos nas expressões sociais e histórias no cotidiano dos afros- brasileiros”. Foram concedidas 20 bolsas para bolsista ID, e mais duas bolsas para bolsistas de supervisão atuantes em duas escolas, uma pertencente à rede Estadual de ensino, (Colégio Estadual Luiz Viana Filho) e a outra a rede Municipal (Escola Municipalizada Antônio Fraga).

³ Disponível em: <http://www.uneb.br/pibid>. Acesso em: 07 AGOS 2014.

Serão abordados neste artigo acontecimentos relevantes, frutos do trabalho empreendido na escola Municipalizada Antônio Fraga no ano de 2012 e 2013. A instituição de ensino mencionada tem ensino direcionado à educação infantil e ao ensino fundamental I (1º ao 5º ano). O trabalho em tal instituição de ensino foi executado tendo como base a seguinte temática: “Contos Africanos”. A pretensão foi realizar uma crítica à eventual literatura utilizada nas escolas de todo o Brasil, onde o negro é visualizado sempre de forma negativa, e o branco concebido continuamente como um ser altamente superior. A abordagem deste tema ambicionava ainda exortar à tamanha diversidade de literaturas africanas existentes, possuidora de uma complexidade de temáticas encorpadas de diversas incitações significantes a vida da criança.

O objetivo foi mediar com os discentes conhecimentos mais arraigados sobre suas origens, além de desmistificar ideias racistas que estes ouvem e tomam como verdade. A escassez de literatura, principalmente infanto-juvenil, que discuta a cultura negra sem nenhum teor de preconceito, é grande. Objetivando modificar este cenário, o Presidente Luís Inácio Lula da Silva sanciona em 2003 a lei 10.639/3, tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira em todas as instituições escolares presentes no Brasil, da educação infantil ao ensino superior.

A diversidade que a cultura africana possui, é elemento de suma importância à compreensão de todo acervo enriquecedor da cultura afro-brasileira. Trazer esta cultura através da literatura mostrou-se importante, no sentido de que enlaçou à atenção dos alunos a compreensão de temáticas próximas à sociedade real da qual fazem parte, sendo uma maneira de partida do mundo no qual as bonecas quase sempre são brancas, enquanto os negros são expostos quase sempre de forma degenerativa.

De acordo com Ione da Silva Jovino (2010):

Os negros só aparecem na história a partir do final da década de 20 e início da década de 30, no século XX. É preciso lembrar que o contexto histórico em que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas, era de uma sociedade recém-saída de um longo período de escravidão. As histórias dessa época buscavam evidenciar a condição subalterna do negro. Não existiam histórias, nesse período, nas quais os povos negros, seus conhecimentos, sua cultura, enfim, sua história, fosse retratada de modo positivo.

A presunção final com as observações e aprendizagens que serão adquiridos durante a realização deste projeto teria como desfecho a produção de materiais didáticos relacionados à cultura afro-brasileira.

O PIBID NA PRÁTICA: ESCOLA ANTÔNIO FRAGA

A literatura é um veículo de fundamental importância à transmissão de informações relevantes ao convívio social. De acordo com Luciana Cunha Lauria da Silva e Kátia Gomes da Silva (2011), a literatura também pode contribuir para manutenção de tradições estereotipadas, que acabam legitimando o imaginário social racista. Portanto é necessário analisar criticamente a produção literária, entender seu contexto histórico e questionar as mensagens sublinhadas contida em cada uma delas (SILVA; SILVA, 2011).

O negro passa a ser mencionado na literatura de nosso país a partir de 1856 com o surgimento de “*O comendador*”, escrito por Pinheiro Guimarães. Sem surpresas quanto ao seu teor às abordagens relacionavam os negros a escravidão, sem ressaltar sua contribuição na formação de uma identidade nacional. Os negros eram destacados numa imagem distorcida, por inferiorização devido às ideias eurocêntricas que viam os negros escravizados como selvagens, embrutecidos, ou bárbaros (SILVA; SILVA, 2011). Em 1881, é publicada a obra de Aluísio Azevedo, “*O Mulato*”. É significativo observar, que apesar de ter como objetivo a denúncia do preconceito racial, o autor dá características do homem branco da época ao negro descrito na trama. Isso se repete ao longo das literaturas onde é mostrado o negro, como em “*A escrava Isaura*”, onde Bernardo Guimarães embranquece a escrava para não impactar o público, e esta por possuir pele clara adquire adjetivos incomuns a época aos homens negros.

De acordo com Maria Anória de Jesus Olivera, (2010) em “*O Mulato*” de Aluísio Azevedo, no processo de transformação do protagonista, os traços positivos resultam da ascendência branca, enquanto os negativos emergem da origem negra.

Por fim, como o PIBID foi realizado com um público infanto-juvenil, é proveitoso citar o escritor Monteiro Lobato, aquele que foi o precursor da literatura infanto-juvenil no Brasil, um escritor incrível, que inovou, emocionou, e, no entanto, segundo alguns críticos de sua obra como Suely Dulce de Castilho (2004), afirmam que Monteiro Lobato foi um dos escritores que mais exibiu a negro fobia em suas obras (MARIOSIA, 2014). Esta autora continua discorrendo sobre o assunto, afirmando que:

No universo Lobatino, além da culta Dona Benta, os astutos netos: Emília e o sábio Visconde de Sabugosa; encontramos personagens negros em papéis secundários, associados ao folclore, são eles: Tia Nastácia, tio Barnabé, o saci Pererê e o empregado Garnizé (CASTILHO, 2004).

O trabalho realizado na Instituição Municipal de Ensino, intitulada Antônio Fraga, teve como base a crítica sobre contos infantis europeizados, neste processo foram analisados contos como Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida entre outros, assim como cenas de novelas, e utilização de contos infantis africanos. Nesse processo, tornou-se perceptível o nível de preconceito impregnado em cada criança, que se mostraram ativamente repreensivas a alguns elementos da cultura negra, como religião, vestimentas e penteados.

Constatou-se também, que apesar de todas as mudanças realizadas no processo educacional brasileiro, e na literatura infanto-juvenil, o cenário de aceitação de ser negro em sociedade, é obscuro. Muito esforço ainda deve ser feito para a realização de mudanças neste quadro. De acordo com Gilmara Santos Mariosa e Maria da Glória dos Reis (2011):

“As crianças crescem com a sensação de que os padrões do belo e do bom são aqueles com os quais se depararam nos livros infantis. As crianças brancas vão se identificar e pensar serem superiores às demais, vão estar em posição privilegiada em relação às outras etnias. As crianças negras alimentarão a imagem de que são inferiores e inadequadas. Crescerão com essa ideia de branqueamento introjetada, achando que só serão aceitas se aproximarem-se dos referenciais estabelecidos pelos brancos. Rejeitando tudo aquilo que as assemelhe com o universo do negro (PAIVA, 2010)”.

Seguindo o raciocínio das autoras, ficou veemente perceptível durante a realização das oficinas o sentimento de superioridade da raça branca sobre as demais, como será descrito a seguir. Percebeu-se ainda uma relativa negatividade e oposição ao ser negro. Neste processo o trabalho realizado também realçou a questão da autoestima de crianças que se sentiam inferiores sob vários aspectos na sociedade em que vivem. O objetivo do projeto foi romper com as representações que inferiorizassem os negros e sua cultura, tentando levar a estes alunos, maior conhecimento e aceitação de sua cultura,

proporcionando atividades de resgate a identidade e valorização de suas tradições religiosas mitológicas e africanas.

DESMISTIFICAÇÕES: A REJEIÇÃO DA PRÓPRIA CULTURA

O trabalho que foi realizado na Escola Municipalizada Antônio Fraga em 2013 abrangeu todas as turmas desta instituição do período matutino, a que este artigo se refere foi uma sala do 3º ano do ensino fundamental I. O numero frequente de alunos nesta sala eram em média 30, possuíam idade entre oito e 12 anos. Grande parte das crianças que formavam esta turma residia em bairros periféricos da cidade.

Nas primeiras observações que realizadas nesta sala de aula, pudemos apreender a grande diversidade de culturas e ideologias que permeavam um único espaço, alunos brancos, negros, mestiços, mulatos, cristãos, protestantes, estudiosos, desinteressados, alguns que aparentavam ter um bom acompanhamento em casa, outros que visualizavam atentamente o contrário. A professora responsável pela turma, afirmou que esta inicialmente era muito agitada, que duas docentes haviam abandonado esta sala anteriormente, e que ela chegou a ir para emergência do Hospital devido uma crise de nervoso, causado pelo mau comportamento de tais alunos. O trabalho com a turma foi juntamente realizado com a professora regente.

Para o início do trabalho com esta classe, foi levado um pequeno mapa-múndi, com todos os continentes, o objetivo foi mostrar a imensidão do continente africano, os alunos ficaram encantados ao perceber que a África se tratava de um continente e não um pequeno país onde residiam apenas negros altamente pobres como a mídia remete. As diferentes culturas existentes na África, assim como suas belezas e riquezas, foram ressaltadas na apresentação deste continente a esta turma. Esta atividade permitiu também que a turma percebesse que na África também existem lugares desenvolvidos e cidades muito bonitas ao contrário da ideia que é propagada nos meios de comunicação nos quais este continente sempre aparece associado a lugares selvagens.

Ao longo do processo foram utilizados diversos recursos para o trabalho com contos infantis, vídeos com trechos de novelas, contos infantis europeizados, a exemplo da Branca de neve, Cinderela, e a Bela Adormecida, músicas, painel ilustrativo, brincadeiras e contos africanos, além de textos que ressaltavam a africanidade de nosso país, com destaque a religião advinda da África, o candomblé. Foi identificada neste processo, uma

grande rejeição a cultura africana, em aspectos relacionados à dança, música, religião e penteados. Era comum os alunos citarem adjetivos pejorativos às histórias e aos personagens negros o que revela a resistência que existe em relação ao protagonismo social do negro em nosso país e isso acontece em todos os espaços.

Os contos populares de tradição africana e afro-brasileira são também um importante e significativo modo de representação da memória e da tradição [...]. Um ponto importante de ser abordado na literatura está no que diz respeito a religiosidade. Não há como abordar a cultura e a a tradição afrodescendente, sem abordar a cultura e a tradição afrodescendente sem mencionar a tradição mitológica (MARIOSIA; REIS, 2011.p.45).

Em geral, as práticas religiosas de origem africana são associadas ao mal e que trazem prejuízo às pessoas. Isso se mostrou evidente quando ao fazer a leitura de um texto que ressaltava a religião de matriz africana, um referido aluno da turma mencionada, fez a seguinte afirmativa: *“Mas pró, eu ouvir falar na minha igreja que essa religião mata pessoas para oferecer para os demônios”*. A afirmativa foi forte e inesperada, impactante. Ao tentar desmistificar a afirmação articulada por este discente, tentei ser bem didática, afirmando que há uma imensidão de religiões e crenças existentes em todo o mundo, respaldando que cada manifestação religiosa vivenciada nas mais diversas culturas possui credences diferentes. Assim como os protestantes acreditam ver e falar com Jesus, doando parte de seus bens à igreja, os católicos fazem pedidos e oferecem comida e objetos aos santos, assim também os candomblecistas realizam algumas oferendas aos seus deuses. Foi resgatado ainda neste episódio, o respeito que deve ser manifestado a todas as religiões existentes no mundo.

Outra atividade importante realizada foi o painel ilustrativo das profissões. Nesta proposta, foi entregue aos alunos imagens de diversas profissões existentes no mundo, para que ambos relacionassem em um cartaz. Profissões onde empregavam negros em maior parte e as que empregavam branco. O resultado foi surpreendente: as crianças relacionaram as profissões de maior status aos brancos e as de menor prestígio social, aos negros. Dentre as justificativas dos alunos para a maioria das profissões ocupadas por negros vale destacar as seguintes: *“os negros são garis porque não querem estudar”*, *“médico negro eu acho que não combina pró”*, *“negro tem mais força, gosta mesmo de suar a camisa”*. Estas falas

dos alunos revelam o preconceito e a falsa ideia que foi propagada durante séculos de que o negro é fisicamente mais preparado para trabalhos braçais. Ao fim da atividade, foi explicado que os negros atualmente estão atuando em áreas de influente prestígio social, mas isso ocorreu de forma tardia por que os negros chegaram ao Brasil na condição de escravo, e após a abolição da escravatura, foram abandonados à própria sorte, sem casa, comida e emprego, sofrendo o exorbitante preconceito da camada social branca. O direito à escola só vem depois. Para chegar à condição que se encontram atualmente os negros lutaram demasiadamente contra a opressão de uma sociedade racista.

Evidenciou-se durante todo o período presente nesta instituição de ensino, a visão estereotipada que os alunos possuíam dos negros, percebemos também que a denominação “negro” soava de modo negativo para as crianças era como se fosse uma ofensa chama-los dessa forma. Ninguém se considerava negro. Alguns ressaltavam “Sou branco”, “sou moreno”, sou “amarelo”, sou “cabo verde”, mas negro, ninguém afirmava ser, era nesse momento que nossas intervenções enquanto bolsistas e alunos do curso de História eram fundamentais, pois nossa função era justamente identificar essas posturas de não aceitação e a partir disso promover o debate e fomentar a reflexão.

Para Núbia Silva Guimaraes Paiva:

O trabalho na escola com as crianças de quatro e cinco anos é permeado por muitos desafios e conquistas que fazem parte do processo do desenvolvimento e constituição desses sujeitos. Nesta etapa da vida, os pequenos estão descobrindo o mundo e fazendo algumas escolhas relacionadas ao jeito de ser e estar com o outro. Tais escolhas referem-se à construção da personalidade da criança ou personalismo.

Desta forma, entende-se que as crianças que fazem parte desta turma, não se aceitavam como negros porque seu desenvolvimento foi permeado por ideias contrárias em relação à presença do negro em nosso país e no mundo, refletem ideologias do meio onde vivem.

De acordo com Paulo Renato Souza:

A sociedade brasileira tem razões de sobra para se preocupar com as questões raciais. Nossa formação nacional tem, como característica peculiar, a convivência e a mescla de diversas etnias e diferenças

culturais. Temos, em nossa história, a ignomínia da escravidão de africanos, que tantas marcas deixaram em nossa memória e cuja herança é visível, ainda hoje, em uma situação na qual não somente se manifestam profundas desigualdades, mas o fazem, em larga medida, segundo linhas raciais [...].

Estes alunos devem conhecer a cultura afro-brasileira, para de tal forma compreender e querer-se integrar à mesma. Outra experiência que deve ser exaltada descrita foi à exibição do vídeo de “A Bela e a Fera”, após apresentar este vídeo, questionou-se para a turma, como seria a bela, se fosse negra? Juntamente uma imensidão de alunos reagiram desta forma a tal pergunta; “*Seria feia, pois seus cabelos não seriam grandes nem lisos*”. “*Ah pró seria feia porque não seria loira, ela é muito bonita assim*”. “*Ô professora, princesa tem que ser loira*”. “*Seria feia, pois seus cabelos não seriam lisos, e sua pele não seria bonita*”.

O maior conhecimento sobre suas origens é a principal maneira transformadora da imagem estereotipada que estas crianças têm dos negros, fazendo com que muitas vezes sintam-se inferior, por possuir traços africanos. A percepção que ficou sobre a imagem que estes discentes possuem de sua própria cultura, é a de não aceitação, não querer está integrada a sociedade em que compartilha experiências. Parece ser vergonhoso para alguns alunos, pertencer a esta cultura, pois, mesmo tento a pele escura, acreditam não ser negros. Essas crianças e jovens precisam adquirir um conhecimento maior sobre suas origens, para que possam se orgulhar da mesma, entender o processo pelo qual passou o negro em nosso país, para assim ter orgulho de sua raça, e se afirmar como negro.

Desse modo percebe-se que o trabalho de combate ao racismo e todas as formas de discriminação deve ser constante e o professor é um grande agente transformador, e em se tratando de preconceito racial a lei 10.639/2003 deve ser considerada em seu planejamento diário com o objetivo de fortalecer o debate, e reconhecer o valor das riquezas que possui a cultura afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

JOVINO, I.S. **Literatura Infanto-Juvenil**. p.(1 a 24).

MARIOSIA, G.S.; REIS, M.G. **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças.** Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8AArt06.pdf>. Acesso em: 10 JUL 2014.

OLIVEIRA, M.A.J. **Personagens Negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique 200-2007: entrelaçadas vozes, tecendo negritudes.** João Pessoa. 2010. p.301

PAIVA, N.S.G. **Olhares e Trilhas.** ano XI, nº 11. 2010, p.85-96 .

SILVA, K.G.; SILVA, L.C.L. **O negro na literatura infanto-juvenil brasileira.** Revista Tema.v.8. p.02, 2011.

SOUZA, P.R. **Superando o Racismo na escola.** Or. Kabengele Munanga. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 18/ Agos 2014.